PROF. G. C. BARAVELLI
DA R. UNIVERSIDADE DE ROMA

O ULTIMO BALUARTE DA ESCRAVIDÃO

A ABYSSINIA

DIGITALIZADO
PELA
BIBLIOTECA
NACIONALISTA

BIBLIOTECA
NACIONALISTA
bibliotecanacionalista1.blogspot.com
bit.ly/bibliotecanacionalista (drive)

Prof. G. C. BARAVELLI
DA R. UNIVERSIDADE DE ROMA

O ULTIMO BALUARTE DA ESCRAVIDÃO

A ABYSSINIA

SOCIETÀ EDITRICE DI "NOVISSIMA"
ROMA 1935 A. XIII

A ABYSSINIA E A SOCIEDADE DAS NAÇOÊS

A imprensa ingleza contra a admissão da Abyssinia na Sociedade das Nações. Os horrores da escravidão denunciados pela Westminster Gazette *- Un alarme do* New York Herald *sobre as pretenções inglezas na Abyssinia - A these do* West Africa: « *Ou a Abyssinia se reforma ou perderá a sua independencia - Uma discussão na Camara dos Communs sobre a escravidão - Uma declaração de Lord Curzon - A discussão em Genebra - A opposição da Inglaterra - A attitude benevolente da Italia - Em que condições a Abyssinia foi admittida na Sociedade das Nações.*

Os defensores da Abyssinia timbram em lembrar com particular insistencia que a Ethiopia faz parte da Sociedade das Nações, com todos os direitos de um Estado soberano, porem occultam as condições que foram impostas para a sua admissão. É uma historia instructiva.

A primeira tentativa da Ethiopia para ser recebida pela Sociedade das Nações, data de 1919. Entretanto, esta sua aspiração encontrou a opposição irreductivel da Inglaterra e de alguns dos seus Dominios.

Tres annos mais tarde, a Ethiopia voltava á carga e ainda uma vez, era alvejada por toda a imprensa e pela opinião publica do Reino Unido. Homens politicos eminentes e jornaes influentes investiram com extranha vehemencia contra o pedido que a juizio delles estava em flagrante contraste com os principios, usos e costumes da civilização. A *Westminster Gazette* abriu o fogo, com uma serie de artigos impressionantes, que formulavam tremendas accusações contra o governo da imperatriz Zaoditú e contra o principe regente Tafari-Makonnem. Era extremamente negro o quadro que o jornal apresentava da situação da Ethiopia. Cada ras, ou governador local, é senhor absoluto e póde permittir-se

impunemente toda a sorte de devastações, de negociatas e de roubalheiras. A autoridade do regente se circumscreve á capital. Inteiras regiões estão submettidas aos bandidos e aos caçadores de escravos. Onde outr'ora viviam populações agricolas prosperas, hoje reinam a desolação e a esterilidade. A corrupção da autoridade em vasta escala, é o unico meio de que dispõe os estrangeiros, para tratar com o governo e com os indigenas. É necessario um passaporte todas as vezes que se quer ir de um districto a outro. Ainda estão em vigor castigos horriveis proprios das épocas mais remotas, ao menos que não se compre a peso de ouro aquillo que lá se chama justiça. Cortam-se na presença de todos a mão direita e o pé esquerdo, ao reu que roubou a mais insignificante das cousas. Um desgraçado foi enforcado por ter roubado algumas laranjas na cozinha da imperatriz. Nos dias de mercado corpos humanos supensos em patibulos, constituem um dos espectaculos habituaes de Addis Abeba, a capital. O castigo para todo e qualquer delicto é a morte, porque não menos de 150 prisioneiros são amontoados em cellulas de 13 metros por 16.

« A Inglaterra não teria muito trabalho em encontrar justos motivos de intervenção se finalmente quizesse decidir-se a combater a miseria e a desordem do paiz. A escravidão e o trafico seriam mais que sufficientes. Os escravos são presos mesmo nas vizinhanças da legação ingleza e de lá levados a uma escravidão perpetua ».

Esta campanha justa por si mesma, alarmou a imprensa franceza e principalmente o *Bulletin de l'Afrique Française* que suspeitou na Inglaterra o designio de uma « intervenção armada consequente a qualquer desordem local ».

A imprensa americana foi mais explicita. O *New York Herald* fez esta pergunta: « É possivel que a Inglaterra cubice a Ethiopia? Delineia-se claramente nos principaes jornaes inglezes uma campanha tendente a demonstrar a necessidade de uma intervenção estrangeira nesse paiz. Tratar-se á talvez da busca de um pretexto semelhante ao que foi empregado para justificar a occupação do Egypto? ». E continuava: « Os recursos naturaes da Ethiopia

estão intactos e são muito superiores aos do Egypto ou da Mesopotamia. A sua posse, mesmo sob forma de protectorado, daria uma segurança maior ao Sudão e ao Leste Africano inglez, favorecendo ao mesmo tempo as pretenções da Inglaterra no Alto Egypto ».

As suspeitas da imprensa americana não eram em absoluto infundadas, poi á *Westminster Gazete* se associavam o *Times* e a grande rivista colonial *West Africa*. Esta formulava francamente a necessidade que a Ethiopia entrasse « na esphera da influencia britannica ». De qualquer maneira. « É interesse urgente de todas as potencias que tem relações com a Africa e principalmente da Inglaterra, que a Ethiopia cesse de devastar as regiões vizinhas e que proceda sem demora á valorização das suas immensas riquezas. Se a Ethiopia não póde e não quer consentir nesta reforma, será necessario recorrer a processos de intervenção e de proteção. A Ethiopia perderá a sua independencia ».

Entretanto, como remedio urgente propunha-se de obrigar o Negus a aceitar um autentico controlle inglez. Sir Frederico Lugard, antigo governador geral da Nigeria e vice presidente da « Abyssinia Corporation » era destinado a assumir o alto controlle do governo e da administração da Ethiopia, na qualidade de conselheiro do Negus. Mas teriam as outras potencias adherido a uma solução deste genero? No caso em que tivessem surgido opposições, o que era provavel, uma commissão composta dos representantes da França, Italia, Inglaterra e America, deveria ter visitado a Ethiopia, e, no caso, em que tivessem verificado as desordens denunciadas pela imprensa ingleza, teria devido fazer uma demarche junto ao governo ethiope, em nome das quatro potencias para significar-lhe, que no caso em que o trafico dos escravos e as incursões « razzie », não cessassem immediatamente, « a Ethiopia se encaminharia fatalmente para a perda da sua independencia ».

Nessa mesma occasião, um eminente politico inglez, Sir Sidney Oliver, suggeria a boycotagem economica em caso de resistencia por parte da Ethiopia.

Nesta atmosphera de polemicas accesas, em setembro de 1922, a Sociedade das Nações tomava o conhecimento da escravidão na Ethiopia, por meio de uma moção que não foi approvada. Suspensa em Genebra a questão da escravidão foi levantada com grande clamor em 30 de julho de 1923, na Camara dos Communs e dos Lords. Com espanto geral, o marquez Curzon, Secretario de Estado nos Negocios Estrangeiros, respondendo na Camara dos Lords a uma pergunta do conde de Beauchamps relativa ao trafico dos escravos, declarava com pezar que o Ministro inglez de Addis Abeba, interrogara officialmente o principe Tafari Makonnen se estava disposto a ecceitar a cooperação da Sociedade das Nações para combater a escravidão e que o regente respondera negativamente.

Os protestos e a indignação levantados pelas declarações do marquez Curzon, foram taes, que num dado momento pareceram o preludio de uma acção definitiva por parte das Potencias, em relação á Ethiopia. O governo de Addis Abeba, allarmou-se deante do perigo que se afigurava provavel, procurou a salvação com um golpe de audacia solicitando immediatamente a admissão na Sociedade das Nações.

Em 12 de agosto de 1923, chegava ao secretario geral da Sociedade das Nações, Sir Eric Drummond o pedido do governo de Addis Abeba. O documento, assignado pelo principe regente referia-se a Deus, ao Evangelho de Christo, á solidariedade entre os povos e os filhos do homem, á verdade, á lealdade. « Estes principios são exactamente os que convêm a uma nação que permaneceu em todas as épocas firmemente cristã. O desejo perenne do nosso governo cristão é o de governar o seu povo na paz e na tranquillidade e de promover a prosperidade do paiz ».

A delegação ethiope chegou a Genebra em 6 de setembro de 1923. Antes mesmo que se iniciasse a discussão perante a Commissão para a admissão, o representante da Inglaterra, pediu que não obstante toda e qualquer convenção internacional, o governo ethiopé deveria empenhar-se a não permittir a importação nos seus territorios das armas e munições alem de uma determinada

quantidade, que devia ser estabelecida por um accordo entre os Estados limitrophes. Essa quantidade não devia superar quinhentos fuzis por anno. A proposta que visava de facto a abrograr o artigo 5 do tratado de commercio e de amizade anglo-ethiope de maio de 1897, não foi acceita devido a intervenção do delegado francez De Jouvenel, que sustentou o direito da Ethiopia em possuir armas « com o fim de luctar contra os traficantes de escravos e de assegurar a ordem interna ».

Em 19 de setembro, teve lugar a discussão em sessão plenaria. O representante da Inglaterra, Wood não desanimou. Com eloquencia repetiu as argumentações da imprensa do seu paiz, insensivel a toda e qualquer suggestão de moderação e de espectativa benevolente. A elle se associou Nansen, que lembrou o seu longo apostolado em defeza da civilização. A Suissa e os Paizes Baixos eram decididamente hostis. Assumiu a defeza o representante da França, principalmente preoccupado com as pretenções inglezas sobre a Ethiopia. Não era mysterio para ninguem que a Inglaterra aspirava a collocar a Ethiopia sob o seu directo controlle mediante o envio junto ao governo de Addis Abeba de um funccionario que assumisse de facto o governo e a administração do paiz. A attitude do representante da Italia foi de benevolencia e inspirada na confiança no futuro. Entre as tendencias oppostas, o conde Bonin Longare trouxe uma palavra de moderação. Convem referir a conclusão do seu discurso. « O Conselho não duvida que o Governo ethiope acceite os pedidos que lhes são feitos com franqueza e lealdade, que consiste em primeiro lugar em medir a propria capacidade de manter os compromissos assumidos. Não ha duvida de que o governo ethiope apreciará o auxilio offerecido pela Sociedade das Nações para a lucta contra a escravidão, e preparar-se-á a tornar-se no centro de Africa um pioneiro activo e efficaz da civilização ».

Estas as premissas, estas as condições que tornaram possivel a admissão, da Ethiopia na Sociedade das Nações. Nem se deve crêr que essas condições permanecessem vagas, porque assumiram fórma e substancia concreta em clausolas bem precisas votadas pela

assembléa a 28 setembro de 1923. Essas condições foram formuladas em termos muito claros em tres proposições que não admittem equivocos:

1. - *A Ethiopia adhere ás obrigações estabelecidas pelo artigo 11, paragrapho 1°, da Convenção assignada em Saint-Germain, a 10 de setembro de 1919.*

2. - *A Ethiopia respeitadora do regimen actualmente estabelecido no que concerne ás armas e munições, empenha-se a conformar-se aos principios enumerados na Convenção relativa ao controlle do commercio das armas e munições, ao relativo protocollo assignado em Saint-Germain e principalmente á clausula do artigo 6.*

3. - *Ethiopia está e continua disposta a fornecer ao Conselho todas as informações solicitadas e a tomar em consideração todas as recommendações, que o Conselho poderá dirigir-lhe sobre a execução destes compromissos que elle reconhece como de competencia da Sociedade das Nações.*

Destas tres condições a mais importante é a primeira que se refere ao paragrapho 1° do artigo 11 da Convenção de Saint-Germain. Convem referir o texto exacto:

As Potencias signatarias continuarão a velar pela conservação das populações e melhoramento de suas condições moraes e materiaes.

Esforçar-se-ão particularmente por assegurar a abolição da escravidão em todas as suas formas e do trafico dos pretos, por terra e mar.

CINCOENTA MIL LEPROSOS EM LIBERDADE

A mortandade infantil - Os damnos causados pelas epidemias - Não existen medicos e faltam medicamentos - Nenhuma hygiene - A limpeza das ruas confiada aos cães e hyenas - O analphabetismo e a falta de escolas - As propriedades - Episodios de xenophobia denunciados á Sociedade de Nações.

Até que ponto, o governo de Addis Abeba honrou os compromissos solemnemente assumidos perante a Sociedade das Nações? Nunca se pretendeu que fizesse desapparecer em poucos annos a espantosa miseria material e moral que afflige essas populações; o mundo porem, estava no direito de esperar que offerecesse uma prova de bôa vontade. Ha providencias de natureza elementar que requerem pouco tempo e meios muito modestos, e são os que dizem respeito á hygiene e á suppressão de usos e costumes crueis. Diz-se que a autoridade do Negus não póde fazer-se sentir por toda a parte, num paiz tão vasto, e isto é verdade. Mas, em Addis Abeba e nas regiões circumvizinhas?

Em todas as épocas, as epidemias causaram damnos incalculaveis na Abyssinia. A falta absoluta de medidas hygienicas, a depauperação, as continuas guerras entre as tribus, as carestias, as praticas horrendas dos feiticeiros dezimaram esses povos infelizes. « A mortandade infantil — escreve o dr. Ernesto Collombet num livro recente, *A Ethiopia moderna* Dijon, J. Belvet, 1935 — é espantosa; a syphiles causa damnos por toda a parte e a lepra este antigo flagello está espalhada por toda a Abyssinia, não obstante, a dedicação admiravel dos religiosos francezes e italianos, que luctam com successo contra esta horrivel enfermidade. Os leprosos abyssinios são na maioria atacados da forma tuberculosa ou lepra leonina. Os seus membros e suas faces ficam co-

bertos de tuberculos que apodrecem com um aspecto e um cheiro repugnantes; as ulcerações da bocca e do nariz desfiguram inverosivelmente o rosto que a inchação da pelle, o nariz allargado e chato, os labios engrossados fizeram chamar "leonina" como lembra o dr. Merab, num livro sobre a Ethiopia. Ha uma outra fórma de lepra chamada "anestetica" que se apresenta com dôres horriveis e acaba por dar uma insensibilidade quasi absoluta, tanto que aos atacados dessa molestia, carbonizam as mãos sem que por isso tenham consciencia. A Ethiopia é um dos principaes centros desta espantosa enfermidade, calculando-se em cincoenta mil o numero destes leprosos, espalhados por todo o Imperio ».

Esta doença é terrivelmente contagiosa, como foi demonstrado numa sessão de 5 de fevereiro de 1934, da Academia das Sciencias de Pariz, presidida pelo Prof. Carlos Richet, que apresentou sobre o assumpto, uma nota do dr. Féron de Harrar. Não obstante isso, nenhuma medida foi tomada pelo governo de Addis Abeba para evitar a infecção pelo menos nos centros principaes. « A immensa maioria destes infelizes — escreve Collombet — vive livremente nos centros habitados arrastando-se e mendigando pelas ruas, exibindo seus membros corruidos pelo mal, cobertos de moscas nojentas attrahidas pelas pustolas da pelle que se defaz ».

A Sociedade das Nações — observa o autor do livro citado, que é sem duvida o mais favoravel á Ethiopia de quantos foram publicados nos ultimos annos — deveria intervir junto ao governo de Addis Abeba para obrigal-o a internar os leprosos e a cural-os com os meios suggeridos pela sciencia. A Ethiopia necessita de centenas de medicos para combater as numerosos pragas que destroem suas populações. Não ha duvida, de que, o governo ethiope não poderá ainda por muito tempo, transformar a hygiene do paiz e luctar efficazmente contra tantas molestias. Não existem medicos e a falta de medicamentos complica ainda mais as cousas. Não obstante os esforços das missões nada ainda existe do ponto de vista sanitario ». As unicas organizações sanitarias são um hospital francez em Harrar, alguns ambulatorios suecos e a grande clinica italiana de Addis Abeba.

A absoluta falta de hygiene e das mais rudimentares medidas de limpeza, tornam facil as epidemias e as pestes. Na maior parte dos centros da Ethiopia, não existem serviços de limpeza urbana. Em Addis Abeba, cidade de cem mil habitantes e capital de um imperio, não existem water-closets publicos, nem tampouco particulares, com excepção bem entendido, das residencias dos europeus. Leiáse á respeito o livro tão pictoresco *Chez le Roi des Rois d'Ethiopie* do prof. Henri Rebeaud, que leccionou durante tres annos no lyceu Tafari de Addis Abeba.

A limpeza dar ruas é confiada aos abutres, chacaes e hyenas. Num livro da illustre escriptora franceza, a condessa De Jumillac, *L'Ethiopie moderne* vêem-se testimunhos deste genero: « Em Addis Abeba matam-se muitos bois e muitos carneiros. Mas, o que se faz das carcassas? Nos lugares em que se matam os animaes, uma quantidade de " charognards " encarrega-se da limpeza. É o primeiro serviço de limpeza. Á noite, são as hyenas e os chacaes que se encarregam do segundo. Chegam mesmo ao centro da cidade para epanhar tudo o que se apodrece e se decompõe. Ao lado dos açougues, juntase uma grande quantidade de cães. São os principaes funccionarios da limpeza urbana ». Durante uma viagem á Ethiopia em 1932, o dr. Collombet commenta: « poude constatar pessoalmente a vericidade destes factos ».

Foi feito alguma cousa em favor da instrucção principalmente em Addis Abeba, sob a pressão das Missões e das Legações. As proprias escolas fundadas pelo governo ethiope deviam demonstrar á Sociedade das Nações, a bôa vontade por parte do Negus de encaminhar o paiz á civilização. Com que resultados? Cita-os o dr. Mareb num livro *Impressions d'Ethiopie,* publicado em 1927. « Neste primeiro quarto do vigesimo seculo é muito se na Ethiopia sobre cem homens, dez sabem ler e escrever: a maior parte sabe lêr e não escrever correctamente. Segundo informações pessoaes a seguras, ha tres ministros que não sabem nem lêr nem escrever e dous que sabem apenas assignar o proprio nome ».

As mulheres não analphabetas contam-se a dedo: apenas uma por mil. Rarissimas as familias ricas, que contratam um padre

para a educação dos filhos. Segundo uma superstição muito espalhada pelo povo o marido de uma mulher que sabe lêr não vive muito tempo. « Um abyssinio de minhas relações, — conta o dr. Mareb — a quem perguntei porque não dava instrucção á filha unica, respondeu-me: — Mas onde encontrarei o dinheiro necessario para pagar o professor e um eunucho que o vigile? ».

Uma palavra sobre a propriedade. Em 1769 o explorador Bruce, assim definia o estado da propriedade na Ethiopia: « As concessões perpetuas são desconhecidas na Ethiopia: todas as terras do Imperio pertencem ao rei ». Mesmo depois de um seculo e meio este estado de cousas não mudou. A terra pertence ao Negus que goza do direito absoluto e intangivel de confiscação, nenhum recurso póde ser tentado contra o Negus, perante os tribunaes civis ou ecclesiasticos.

Depois da famosa lei contra os estrangeiros, estes não pódem possuir terreno algum na Ethiopía. Em 1910, um decreto imperial estabeleceu que os estrangeiros podem aspirar unicamente á propriedade dos edificios, ficando determinado que os terrenos em que forem construidos os immoveis, pertencem ao dominio do estado e não pódem de forma alguma ser alienados.

Esta lei xenophoba tornou impossivel todo a qualquer progresso economico e social. Dous dados significativos entre tantos o demonstram. O commercio exterior da Ethiopia é de cerca 200 milhões de liras por anno, muito inferior ao commercio da Colonia Eritrea, oito vezes menor. A superficie onde se coltiva o trigo é apenas de 100 mil hectares, emquanto se calcula que a superficie adequada a esse cultivo varia entre 5 e 6 milhões de hectares.

O clero copto, forte e ferozmente xenophobo, possue un terço do territorio tornando impossivel todo e qualquer cultivo racional.

O desenvolvimento economico e social da Ethiopia é subordinado á vinda de capitaes europeus garantidos pela propriedade do sólo, sem a qual nenhum emprehendimento poderá ser iniciado. Membro da Sociedade das Nações, a Ethiopia não póde fugir ao dever de conceder aos paizes com os quaes está associada em Ge-

nebra, as mesmas prerogativas de que goza nesses mesmos paizes. Trata-se de reciprocidade rudimentar.

A xenophobia abyssinia assume algumas vezes fórmas provocativas e mesmo intolleraveis. Sobre isso discorre profusamente o barão Romano von Procházka, cidadão tchecoslovaco no livro: « A Abyssinia perigo negro », editado recentemente em Vienna pela Casa Saturn.

Todos lembram a aggressão soffrida ha quatro annos pelo Ministro do Estados Unidos, nas ruas de Addis Abeba. Achando-se em seu automovel munido da bandeira do seu paiz e segundo o direito internacional em lugar extra-territorial, foi arrebatado com violencia pela policia ethiope e aggredido.

Outros membros do corpo diplomatico foram muitas vezes insultados e desrespeitados no seus direito extra-territorial. Emfim a esposa do Ministro de Allemanha, Ecc. Weiss, foi insultada e perseguida pelos policiaes e civis ethiopes.

Á noite de 18 de dezembro de 1932, um grupo de senhoras e senhores belgas, entre os quaes se achava o Vice consul belga, reuinu-se no restaurant « Mavrikos » na praça da Estrella de Hailé Sellasié I de Addis Abeba. Um grupo de jovens abyssinios vestidos á européa, seguidos pela habitual cauda dos indigenas sob a indifferença da policia, aggrediu os hospedes obrigando-os a abandonar o restaurant. As senhoras foram insultadas com o epitheto de « mulheres publicas ».

O barão von Procházka advogado e defensor de muitos mandatos de varias nacionalidades em Addis Abeba, mandou a 20 de dezembro de 1932, ao Secretario geral das Sociedades das Nações em Genebra, bem como ás representações diplomaticas consulares de Addis Abeba um promemoria, com uma lista chronologica dos maiores incidentes, expondo a seguir, que a ordem e a segurança publica são cada vez mais compromettidas pela policia ethiopie, e que nos deploraveis incidentes destes ultimos mezes a policia agiu arbitraria e contrariamente ás disposições das vigente jurisdição consular. Deplorou o facto que a policia se permitta aggredir os europeus ou assistir indifferente ás aggressões dos indigenas contra

os brancos. Por consequencia, propoz a instituição de uma policia internacional pare as Legações, no týpo da policia ingleza no Cairo.

« Este promemoria foi completado pelo barão von Procházka a 23 de janeiro de 1933, e inviado ao decano do corpo diplomatico. Num protesto dirigido ao imperial ministro ethiope do Interior « Dedschasmatsch Makonnen » em fevereiro de 1934, chamou a attenção sobre facto de que a policia abyssinia deficiente e alheia de seus deveres, era a que perturbava a paz e a ordem publica com os seus excessos e com os suas acções arbitrarias. Um outro memorial compilado pelo citado barão em janeiro de 1935, e enviado ao Secretario geral da S. d. N. ás autoridades interessadas, assim como á imprensa européa, contem uma descripção precisa da situação ameaçãdora no Imperio do Negus ».

Illusões. Nenhuma justiça é feita na Abyssinia aos estrangeiros. É decisiva a constatação feita « in loco » pelo Dr. Collombet e referida no livro citado. « Os negocios entre estrangeiros e ethiopes são regularizados por um tribunal especial. Em 10 de junho de 1932, ras Tafari, em nome da imperatriz Zaoditú, inaugurou em Addis Abeba, o vasto edificio destinado a alojar o Tribunal mixto. Este tribunal funcciona, mas as legações queixam-se de não poderem obter a execução das sentenças desta jurisdição, quando os europeus vencem as causas ».

O DESERTO NO DESERTO

Porque não se cultiva a terra - Vexações e furtos damnosos aos colonos - A especulação - Expedições punitivas - Populações dezimadas - La fome homicida - Repugnantes e barbaros costumes revelados pelo explorador Wilfred Thesiger no Geographical Journal *- O mais horrivel dos supplicios ordenado pelo actual Negus quando era Principe regente - O systema penal abyssinio - Cortam-se os dedos das maõs - Prisioneiros acorrentados e sem alimento - A sorte dos devedores.*

São documentações graves. Essa absoluta falta de autoridade por parte do governo, é a causa principal da inaudita miseria na qual vivem as populações, do abandono em que jazem terras fertilissimas. São impressionantes a este respeito as constatações de um escriptor francez, André Amandy, que num livro sobre a Ethiopia, « La désagréable partie de campagne » demonstra que a responsabilidade da fome, da carestia chronica, é devida ao governo central. Se algum colono tencionasse cultivar um pedaço de terra ninguem certamente l'ho impediria, porem chegado o dia da colheita, elle seria surprehendido pelos « ascaros » de algum ras que depois de ter devorado todas as provisões tomaria o decimo do trigo ceifado: isto é 30%. « Depois apresentar-seia o clero para perceber a parte devida á Igreja, em seguida o « choum », isto é o chefe da circumscripção o emfim o chefe da policia do districto. Cada um delles tomaria a sua parte segundo a propria ambição. E quando todos os parasytas fossem embora, deixando a pobre lavrador a catar o campo devastado, passariamos soldados em marcha contra outra provincia qualquer e arrebatariam os ultimos restos da colheita, fustigando até sangrar o desaforado que ousasse protestar. Eis porque todas as provincias já cultivadas ficam desertas. Eis porque o Caffa, uma das terras

mais ferteis do mundo, onde o café, o chá, o algodão cresciam no estado natural, é hoje um terreno arido invadido por uma vegetação maldita, que os indigenas denominam perfida floresta, incapaz até de alimentar o fogo ».

Não termina aqui o martyrio destes desventurados colonos. Depredados, empobrecidos, recorrem ao credito para não morrer de fome. Ha sempre algum « ascaro » disposto a empresar-lhes algum thaler com os juros de 100% e até de 200%. Com o dinheiro assim emprestado o colono saqueado, muitas vezes fustigado, adquire um pouco de grão ou de « dura ». Mas vencido o prazo, elle não póde pagar. O que acontece então? O credor tendo o apoio das autoridades locaes, o prende ou o rapta e o tem como prisioneiro. A prisão por dividas permitte acorrentar os pés e as maõs; a manutenção do prisioneiro cabe á familia e se esta não tem o que comer deve libertal-o para não deixar o seu parente morrer de fome. Assim organiza a evasão na qual toma parte todo o « clan »; no dia seguinte a aldeia inteira perto da qual se presume estar o evadido deve ser punida. É um bom pretexto para organizar uma « razzia ». Com o consentimento do ras local, que assume a parte de tutor do bom direito e da ordem, os ascaros partem a caminho de aldeia designada. « Os nomades — escreve Rebeaud — fogem ao primeiro tic-tac da metralhadora abyssinia. Não estão em condições de resistir. Na aldeia, os abyssinios em geral não encontram senão tres creanças que matam com a coronha do fuzil, uma meia duzia de velhas, que estripam e o gado que roubam. Ma realidade o seu objectivo era o gado, repartido e dividido entre os soldados, o chefe da expedição e o Negus ».

Foram assustadoras as consequencias demographicas dessas expedições punitivas e dessas razzias; formam o deserto no deserto. Uma revista franceza, « Le cri du jour » no numero de 20 de julho de 1935, referia cifras que commovem profundamente a consciencia humana:

« Em 1882, Menelik II destroe os Salla Arussi. O secretario particular do Negus, Haleca Gabré Sellasié, assim relata os resultados no seu relatorio: Nem poude siquer um Galla fugir,

após uma perseguição levada até os limites do territorio dos Tailalé; cercados foram exterminados. Foram roubadas 65.512 vaccas e as terras distribuidas entre os ras, que as converteram em propriedades hereditarias ».

« Em 1887, destruição do emirado de Kunar que passa a ser um feudo pessoal do imperador da Abyssinia.

« Em 1894, toca a vez aos Uallama. O citado secretario de Menelich escreve: « Foram exterminados cerca de 118.987 Uallamas; o exercito apoderou-se de uma enorme quantitade de gado e a parte do botim de S. M. o Negus, cerca de 56.000 cabeças de gado, foi immediatamente enviado para Addis Abeba ».

« Em 1897, occupação do reino independente de Caffa, territorio fertilissimo. A sua população foi calculada em 1.500.000 habitantes. Hoje não restam mais de 20.000.

« Do mesmo modo para os Chimira que segundo o viajante suisso Montandon, em quinze annos de dominio abyssinio perdera 80% da sua população.

« Os Ciarra e os Naos desappareceram completamente, á força de serem dizimados pelas continuas razzias dos escravos.

« De 1895 até hoje os Burgos passaram de 200.000 a 15.000.

« Pode-se dizer o mesmo de vinte outros paizes, cujas populações foram reduzidas a nada ».

Vastas regiões são percorridas por tribus nomades, esformeadas, que vivem de um punhado de « dura » crua e de um pouco de leite das suas magrissimas cabras. Terminada a dura, matam as cabras as comem e depois apertam a cintura á espera da morte.

Verdadeiramente deshumanas as consequencias dessa miseria material, dessa fome secular. « Os homens do deserto — escreve Rebeaud — estão num estado de guerra permanente. A guerra é uma necessidade quotidiana. O menor augmento de população num paiz semelhante tem apenas um significado: a fome. Cada creança que nasce deve fazer desapparecer um homem. Quem mata na tribu vizinha augmenta as possibilidades de vida na propria: não exagero absolutamente e disso dou provas. O costume dessas regiões principalmente do deserto somalo exige que um jovem,

para ter direito a casar-se tenha commettido pelo menos um homicidio. Procurei indagar a razão e foi-me respondido com a maxima facilidade: — Ha familias demais. Para fundar uma nova familia, é necessario, antes de tudo, fazer desapparecer uma velha ».

Foram feitas as mesmas observações pelo Dr. Collombet. « Muitas vezes veem-se nas aldeias somalas, guerreiros que trazem no braço pulseiras de bronze e de prata. Cada um desses ornamentos representa um homem assassinado. Um somalo se ufanará sempre de haver assassinado creanças mulheres, velhos, individuos extranhos á sua tribu. Os jovens que querem se casar, encontrarão mais facilmente uma noiva quanto maior fôr o numero dos assassinios commettidos. Nesse paiz o homicidio desejado e premeditado é elevado ao grau de instituição ».

Esse estado de guerra permanente perpetua e aggrava costumes crudelissimos, repugnantes, que a nossa mentalidade não chega nem mesmo a conceber e desejaria collocar no mundo das fabulas.

Entretanto pertencem ao mundo da exploração e da sciencia. Eis o testimunho de um famoso explorador Wilfred Thesiger. Filho de um empregado da legação britannica na Abyssinia, elle tem um interesse hereditario por esse paiz. No inverno de 1933-34, realizou uma ecursão no sultanado de Aussa, entre os Dankali, á procura do mysterioso rio Auash, o qual como se sabe não attinge o mar. Numa conferencia feita na Real Sociedade Geographica de Londres, publicada no « Geographical Journal » de janeiro de 1935, Thesiger contou as vicissitudes da sua expedição, descrevendo-nos um quadro tanto mais impressionante, quanto mai sobrio e pacato, das condições ultra barbaras de algumas zonas da Abyssinia, nas quaes o governo de Addis Abeba não introduziu a menor noção da vida civilisada.

A natureza dos Dankali e a sua maneira de viver são bem narrados em alguns topicos pelo explorador:

« A grande ambição de todo o Dankali é a de collecionar mais tropheus do que o seu vizinho. Elles despojan sempre os mortos, os moribundos e os prisioneiros. Não tem perigo de exa-

gerar a importancia que os Dankali attribuem a essa pratica de guerra. Ha expedições organizadas com o unico fito de juntar tropheus. Desde que a posição de um homem na tribu depende unicamente do numero dos seus tropheus. Quando um Dankali chegar a alcançar dez, consegue o direito de usar uma pulseira de ferro. Um systema complicado de decorações revela as suas proezas aos contemporaneos e uma fileira de pedras deante do seu tumulo transmitte a sua fama á posteridade.

« O methodo mais usado para registrar os homicidios é o de amarrar um pedaço de couro enrolado em cobre, ao punhal ou fuzil, por cada tropheo. Ninguem póde usar tangas em côres, nem pentes nos cabellos, nem decorar o proprio punhal emquanto não tenha matado pelo menos um inimigo. Quando tiver matado dous, poderá furar as orelhas. Realmente, não vi nenhum que trouxesse os testiculos das victimas em redor do pescoço como Nesbitt attestou ser o seu costume; elles o negam. E não creio que o negam por pudor, visto que, estaõ promptos a reconhecer que são capazes de estripar uma mulher gravida para mutilar o filho que traz nas entranhas. Vi-os porem, trazer nos pulsos os testiculos dos animaes por elles matados. Persignam-se com o sangue de um animal morto. Provavelmente fazem o mesmo com o sangue humano ».

Não se pense que usos tão barbaros são proprios das regiões desertas, onde não se póde fazer sentir a autoridade do governo central. Ha um capitulo no volume de Marcel Griaule, « Les flambeurs d'hommes », em que se descreve um dos mais horriveis supplicios de que possa ser capaz a perversidade humana. Griaule não é unicamente um escriptor brilhante; é um explorador e um scientista. Em 1928-29 e em 1931-33 organizou duas missões scientificas na Abyssinia, sob os auspicios da Academia das Inscripções e Bellas Letras, do Instituto de Ethnologia da Universidade de Paris, do Museu de historia natural e da Fundação nacional para o estudo das sciencias e da civilização estrengeira. No Museu do Trocadero, estão expostos 3.500 objectos reunidos durante as suas viagens, alem de um grande numero de documentos para a

illustração dos usos e costumes, da religião, magia, technica, artes das populações abyssinias. Encontramo-nos em face de um scientista de autoridade e seriedade indiscutiveis que percorreu dezoito mil kilometros, entre difficuldades de todas as especies, para estudar esse paiz que diz amar com um « amor profundo e indefectivel ».

Não obstante, a verdade prevalece sobre todas as outras considerações. Ha um capitulo no seu livro, « La mort par la mousseline », que é uma revelação. Não o podemos referir detalhadamente, porque o horror impede de satisfazer toda a curiosidade morbida. Um homem é enrolado em bandas de tela embebidas em cera e mel, e que em seguida se põe fogo, emquanto oito eunuchos armados de lanças e forcas, impedem-lhe a fuga. Assistem ao supplicio milhares de pessoas, a corte tendo á frente o soberano da região, os dignatarios « condecorados com a ordem de Salomão » e de « despojos viris ». A ordem de accender o fogo é dada pessoalmente pelo principe.

« O centro da scena era o homem enfaxado e fumegante, sobre o qual fixam-se milhares de olhos, e que em poucos instantes não obstante o mordaço, tornou-se uma tocha urlante, que se debatia dessperadamente, como um grupo de hyenas esfomeadas sobre uma carcassa.

« Toda a energia do seu corpo parecia ter-se refugiado nas pernas, quer rolasse com todo o seu peso e com os seus gemidos e a bocca fechada, contra os carrascos que o isolavam, quer saltasse a uma altura incalculavel para tornar a cahir como uma columna de fogo.

« Os oito eunuchos empurravam-n-o a lançadas nas nadegas e nas coxas, calculando para não infligir-lhe feridas mortaes. Espetavam-lhe o ferro nas carnes e fazem forças sobre o punho como barqueiros durante uma manobra. Trabalhavam com ardor e se abandonavam a vociferações sacrilegas:

« — Filho de...

« — Pela Santissima Trinidade!

« — Pela Virgem que amamentou o Salvador!

« — Come um pouco de terra!

« E não faltavem os incentivos que na vida commum são refinadas gentilezas:

« — Seja ardente como o sol!

« — Seja prolifico como a grama!

« Alargavam ou reduziam o circulo com cuidado ficando á distancia de uma lança para não queimar-se. Berravam, mas o outro abafava-os com a sua voz enorme.

« Visão de inferno. Não é exagerada a expressão. Num semelhante delirio, basta que uma chamma se desprenda de um homem vivo e chegue a cinco metros de altura, para parecer verdadeiramente infernal.

« No ar, um cheiro repugnante de caramellos, de incenso e de carne assada. Ao longe ouvia-se ladrar ao mesmo tempo os cães e uma vez tudo acabado, parecia que o gemido de uma alma finalmente libertada, fugia chorando pelos campos isolados ».

Griaule omittiu o nome do principe por motivos particulares; revelou-o porem o explorador Monfreid num artigo da revista « Voilá » de Paris de agosto de 1935. O principe que ordenou o fogo, sussurrando a terrivel palavra « accende » ao ouvido do criado que devia immediatamente transmittil-a aos carrascos era nem mais nem menos do que o actual imperador da Ethiopia. A imperatriz Zauditú tentára em vão oppor-se a esse supplicio reservado aos regicidas.

— Tu não és rei — disse-lhe entre outras cousas.

— Selo-ei dentro em breve — replicou o principe Tafari.

E para provar ao povo que era um soberano ordenou a horrivel tortura. E durante uma hora olhou com olhos insaciaveis a atroz agonia do infeliz, do louco que tinha disparado um tiro que se perdeu por occasião de um cortejo.

Estes são os costumes das populações « christãs ». Mas quem póde levar a serio o christianismo dos abyssinios? É uma grosseira mistura de superstições primitivas, de praticas rituaes e judaicas e superficiaes assimilações christãs. Um perito, Hawkes, forneceu a respeito uma documentação ainda mais persuasiva no *Times*

de 21 de julho de 1935, confirmando as conclusões a que chegára depois de vinte annos, um douto orientalista, Mechineau numa serie de artigos publicados na revista « Études ».

A crueldade é um caracteristico dos povos abyssinios. O imperador Theodoro divertia-se fazendo cortar a cabeça aos seus subditos á beira de um precipicio pelo prazer de ver a cabeça rolar pelos barrancos; Ligg Yasu disparava tiros de revolver pelas ruas de Addis Abeba, contra os que não se prosternavam á sua passagem.

Iniquo e sem piedade é o systema penal. Outr'ora cortava-se a mão direita aos ladrões; a esquerda aos reincidentes. Hoje as cousas mudaram. Conta Armandy no livro já citado que actualmente a esses desgraçados, culpados muitas vezes de terem roubado um pouco de grão ou de « dura » levados pela fome, cortam-lhes os dedos. E a esses infelizes curam-se depois? perguntou o viajante. « Sim quando os parentes o soccorrem a tempo com uma vasilha de manteiga fervendo para que possam cauterizar os restos dos dedos; sem o que os infelizes morrem de hemorragia no lugar do supplicio ».

Aos blasphemadores, aos perjuros, aos reis da espionagem corta se a lingua.

É digna de compaixão a sorte reservada aos prisioneiros. O estado não fixou nenhum credito para sua manutenção. « A prisão constitue uma pena muito perigosa para esses detidos que não tenham parentes ou amigos, porque estão simplesmente expostos a morrer de fome. Raras são as prisões na Ethiopia e as poucas que existem encontram-se sómente nos centros mais importantes. Geralmente os prisioneiros, acorrentados, são confiados á guarda de um « choume » que muitas vezes lhes nega mesmo o abrigo, deixando-os expostos a todas as intemperies. Algumas vezes, são destinados a trabalhos de escavação. Amarrados dois a dois fazem ouvir mesmo de longe a sua presença com o ruido dos ferros das correntes e com as implorações desesperadas que dirigem aos transeuntes, para obter um pouco de alimento ou uma esmola. A maioria dos prisioneiros morre de fome, de consumpção e de

exgottamento. Todo e qualquer cuidado medico e medicamentos são lhes negados ». (Collombet).

Numerosos testemunhos descrevem as relações entre credores e devedores. Muitas vezes encontram-se mesmo pelas ruas das cidades principaes, da propria capital, dois homens acorrentados. Não são escravos e nem forçados; significa simplemente um credor que arrasta seu devedor. Noite e dia e muitas vezes por annos e annos estes dois vivem juntos desse modo. Muitas vezes o credor é casado.

Neste caso é obrigado a arrastal-o até o proprio leito conjugal. « A lei abyssinia não conhece nenhum outro meio para obrigar o individuo a pagar suas dividas ».

Em compensação os juizes são cumulados de todos os beneficios no proprio lugar em que devem empartir a justiça, pelos que aguardam o julgamento: lenha, feno, vasos de mel, até mesmo bois e carneiros.

DOIS MILHÕES DE ESCRAVOS

Uma « razzia » de Ligg Yasu - Quarenta mil homens escravisados em poucos dias - Os preços correntes dos escravos - A inoquidade dos decretos imperiaes segundo Lord Buxton - Um livro de Lady Simon - Todos os annos o Negus recebe como presentes pequenos escravos - As revelações do capitão John Yardley - O testemunho do consul britannico Arnold Hodson - O aviltamento da natureza humana descripta por Marcel Griaule - O relatorio de Lord Buxton e de Lord Colward por conta da Sociedade antiesclavagista britannica - Um memorial de Lord Lugard á Sociedade das Nações - As tristes descripções do major Darley e do Dr. Dyce Sharp - Um discurso de Sir J. Harris: « Ha subditos britannicos mantidos em escravidão na Abyssinia ».

Não se póde dizer propriamente que o governo de Addis Abeba tenha cuidado da « conservação das populações indigenas » e do « melhoramento das suas condições moraes e materiaes », como prescreve o compromisso solemnemente assumido perante a Sociedade das Nações. Procurou pelo menos de abolir a escravidão e o trafico dos escravos?

Numerosos testimunhos tiram-nos toda e qualquer illusão a esse respeito. Até certo ponto a situação peiorou, porque os traficantes de escravos tornaram-se mais prudentes e mais bem organizados.

A escravidão é uma antiga praga da Ethiopia. Não ha uma pessoa de certa importancia que não possua diversos escravos. Calcula-se a riqueza pelo numero dos escravos possuidos; são recrutados principalmente entre as tribus dos Siancalla, dos Guimira e dos Ullama.

Em 1922, nas proximidades de Addis Abeba, existia ainda um mercado clandestino de escravos, onde as principaes familias

se proviam de mão de obra domestica ou agricola. Foram varios os methodos de recrutamento de escravos. Bandos armados invadiam uma aldeia onde muitas vezes com a cumplicidade do proprio chefe, apoderavam-se das creanças, mulheres, homens em plena virilidade. Muitas vezes tambem os fiscaes de imposto obrigavam os pobres colonos sobrecarregados de impostos a ceder os seus proprios filhos, por falta de dinheiro.

Porem, o methodo mais commum é o das « razzie ». As vezes organizam-se autenticas expedições em grande estylo. O Dr. Mareb, no livro citado, conta que em 1912 o imperador Ligg Yasu á testa de um exercito de dez mil homens, invadiu as provincias do oeste e trouxe á Addis Abeba quarenta mil escravos de ambos os sexos que distribuiu em parte aos amigos, aos correligionarios, ao proprio clero.

A propriedade dos escravos é legalmente garantida. A autoridade busca o escravo fugitivo e uma vez encontrado o restitue ao proprietario. Os que acolhem em sua casa os escravos fugitivos são condemnados a pagar uma multa equivalente ao preço do escravo multiplicado por dous.

Estes preços variam segundo o sexo, a idade, a estatura, a robustez, a belleza.

Eis uma lista dos preços correntes:

Menina virgem	190 a 250	thaleros
Menino	80 a 250	»
Moço castrado	125 a 230	»
Mulher adulta	130 a 220	»
Homem adulto	150 a 250	»

Qual será o numero de escravos na Ethiopia? O testemunho dos viajantes, dos residentes nas legações, os relatorios do « Foreign Office » e da Sociedade das Nações estão concordes em computal-os en dous milhões. Cifra enorme, considerando-se que a população total varia de sete a oito milhões.

Não é reconhecido nenhum direito civil ao escravo e lhe são reservadas as mais duras fadigas. Os trabalhos manuaes mais duros

lhe são impostos e elle deve ignorar o cançaço, a fome e a sede.

As decisões imperiaes que decretam a abolição da escravidão nunca tiveram effeito. A prova está no facto de que essas leis se renovam no prazo de poucos annos unicamente com o fito de illudir as potencias européas. O primeiro decreto data de 1875, o segundo de 1889, o penultimo de 31 de março de 1924, o ultimo de 15 de julho de 1931.

A prova nol-a fornece um observador britannico minucioso e fidedigno, Lord Noel Buxton, de volta de uma viagem á Addis Abeba. Em um artigo publicado a 9 de abril de 1932 no *Times*, Lord Buxton, não se illude sobre a efficacia dos decretos imperiaes: « A escravidão na Ethiopia é um corollario da ausencia daquillo que se chama um regimen de governo. Ella é em parte o resultado e em parte a causa da fraqueza do mechanismo governativo que é ligeiramente mais desenvolvido do que o da Idade Media. O respeito á lei está ainda em estado primitivo. A abominavel crueldade já comprovada é ainda mais indecorosa do que as « razzie » e os raptos que sempre se effectuam. Os decretos do Imperador não tiveram outros resultados senão o de diminuir as apparencias externas do trafico de escravos ».

Estas graves asserções foram plenamente confirmadas em um memorial que o « Anti-Slavery and Aborigines Protection Society », a celebre benemerita sociedade antiesclavagista britannica, dirigiu ao « Foreign Office » em 8 de abril de 1932. O memorial que é assignado pelo presidente Charles Roberts, pelo secretario honorario Travers Buxton e pelo secretario parlamentar John H. Harris, confirma ser de « pelo menos dois milhões » a totalidade de escravos ». Esta declaração está baseada sobre declarações de autoridades eminentes podemos produzir se necessario um documento confidencial, no qual se menciona um quinto da população ». O importante documento se refere em particular sobre o estado da região de Gore, que linda directamente com as possessões britannicas do Sudão. « Em Gore mercado principal deste trafico, centro de passagem dos escravos importados das regiões vizinhas

occidentaes, habitadas por raças negras e negroides, não existe familia rica ou pobre que não possua escravos. Não creio que o novo imperador esteja em condições de conhecer o numero de escravos que possue. Contam-se em centenas nas suas propriedades e terras; todos os annos elle recebe presentes de escravos de ambos os sexos.

O memorial apresenta algunas typicas documentações de observadores britannicos fidedignos. Eis um relatorio do capitão John Yarley D. S. O. o qual « é um dos poucos officiaes que se possam gabar a singular experiencia de ter assistido « in loco » ás « razzie » de escravos ». Neste relatorio prefaciado pelo marechal de campo visconde Alleby, se lê: « É realmente veridico que o governo central da Abyssinia tem sido incapaz de por um freio a estas emprezas barbaras. Foram feitas promessas e dadas muitas garantias, mas o commercio indigno continua a prosperar. As victimas são os homens e as mulheres assassinadas, as creanças raptadas e as mulheres, os homens mutilados, as tribus e inteiras familias espoliadas do proprio gado e da propriedade particular ».

Outro testemunho que merece fé no citado Memorial, é o do cidadão britannico Arnold Hodson, « o qual falla com excepcional competencia não só porque foi consul britannico na Ethiopia durante, treze annos, como tambem porque viajou muito naquella região ». Após ter explicado que muitas cidades ethiopes que continham outr'ora milhares de habitantes, hoje em dia possuem apenas poucas centenas pelos claros feitos pelos « razzie » dos homens, este relatorio affirma: « Ouvi narrar por testemunhas oculares os horrores que foram perpetrados. Homens, mulheres e creanças em quantidade são levados das suas aldeias expostos ás vicissitudes de longas viagens, alguns acorrentados com pouco ou nenhum nutrimento, abandonados desfallecidos pelas estradas. Ainda hoje ha « razzie » como estas. Os chefes sem excepção, dizem que em absoluto estariam dispostos a renunciar aos seus escravos ».

Não se póde lêr sem profunda compaixão pela natureza humana aviltada, este topico de um relatorio apresentado pelo ethno

grapho Marcel Griaule, referido pelo Memorial da Sociedade antiesclavagista britannica: « O escravo adquirido como uma mercadoria qualquer é um animal do patrão que o usa a seu bel prazer. O escravo é utilizado segundo a vontade do patrão de qualquer maneira e para todos os misteres da vida: inclusive a reproducção caso seja mulher. Da mesmo maneira que se cuida da reproducção dos animaes assim pode-se dar un macho á escrava para juntar o producto á propriedade do patrão ».

Ainda mais circumstanciado é o relatorio volumoso que Lord Noel Buxton e Lord Polwarth, depois de uma longa viagem na Ethiopia feita por conta da Sociedade antiesclavagista britannica, enviaram á Sociedade das Nações: « A escravidão na Ethiopia constitue a base de todo o systema economico. Os ricos tem um grande numero de escravos que attinge os milhares como tambem as pessoas de situação inferior. Até os sacerdotes tem sempre escravos. A libertação não póde ser realizada pelo governo. As leis imperiaes que proclamam a libertação não póde ser realizada pelo governo. As leis imperiaes que proclamam a libertação foram feitas ha 7 annos e se tivessem sido observadas, teriam conduzido á libertação de um grande numero de escravos; muito pouco foi feito porque o imperador entre outras razões não tem o poder de impôr a leis. A continuação desta actividade atroz desenvolvidas sem repressão ou coerção administrativa, exige a intervenção ».

Do mesmo parecer é Lady Simon, esposa do ex ministro dos Estrangeiros britannico, que num volume recente « Slavery » edidado em Londres chega a esta conclusão: « A escravidão está de tal modo incorporada na vida do paiz que se chega á convicção de que a Abyssinia poderá livrar-se dos grilhões desta indigna instituição sómente por meio da generosa intervenção de nações movidas pelo proposito de construir o estado na Ethiopia ».

O memorial sobre a escravidão na Ethiopia, de alto valor é aquelle cómpilado por Lord Lugard por conta da Sociedade das Nações. Ninguem conhece aquellas regiões melhor do que Lord Lugard, que foi por muitos annos governador da Nigeria. Escrupoloso o seu relatorio. De excepcional gravidade é a affirmação

de que a maior opposição á abolição da escravidão « provem do clero o qual se considera conservador da lei mosaica, julgando que a escravidão é uma instituição decretada e desejada por Jehovah ».

As revelações mais impressionantes são as que forneceu o major Darley e o Dr. Dyce Sharp. Refere-as Lady Simon no volume citado. O major Darley encontrou-se em uma posição previlegiada para obter informações na qualidade de empregado do « Foreign Office » junto a uma commissão de limites na Abyssinia. O Dr. Sharp, entretanto é um medico militar do governo inglez. Num districto militar a sudoeste da planicie de Bolma, as incursões dos bandoleiros, formaram o deserto. O solo era fertil, as collinas eram terraços cultivaveis « Hoje quem caminhar por dias a fio pelas citadas localidades não encontrará viva alma. Os terraços existem ainda, mas os homens que deveriam estar occupados á semeadura e á colheita morreram ou mesmo foram reduzidos a escravos na capital. Os campos estão completamente abandonados, aos lobos a ás hyenas.

Segundo os dois escriptores até o proprio Regente da Abyssinia, hoje imperador não recusa a doação de escravos. « Ha poucos dias em Addis Abeba, o Regente acceitou o presente de 140 escravos, consistindo a maior parte em creanças de ambos os sexos de 6 a 14 annos. O resto eram poucas mulheres trazendo os pequenos no collo ». Espectaculo triste para os viajantes estas caravanas de escravos! Marcham em bandos os homens acorrentados seguidos pelas mulheres e creanças que se arrastam penosamente. Este espectaculo é commum a quem está na Abyssinia meridional. « Entre 1913 e 1927 as « razzie » perpetradas pelos abyssinios no Sudão e nas Colonia do Kenya, foram de 139 e « é muito mais provavel que nem todos os incidentes tenham sido objecto de relatorio ». Relatorio de sir John Maffey citado por Lady Simon. Dahi o motivo do discurso pronunciado em Oxford a 2 de agosto de 1935 e reproduzido pelo « Evening News » sob o titulo « Mussolini combate uma guerra que é tambem nossa », Sir John Harris, secretario da Sociedade contra a escravidão exclamava: « Ha subditos britannicos mantidos em escravidão na Abyssinia e se uma

parte das queixas italianas contra a mesma são motivadas dos innumeros ataques ás suas fronteiras, cumpre lembrar, que pelo menos, outras tantas incurias foram commettidas, quando os abyssinios violaram as nossas fronteiras e entraram no territorio britannico. É possivel que o Imperador da Abyssinia deseje realmente abolir a escravidão, entretanto não o faz, porque não tem a força para obrigar seus ras a libertar os escravos ».

COMO SÃO TRATADOS OS ESCRAVOS

Uma importante publicação americana - Um severa advertencia de James E. Baum ao Negus - Quantos são os escravos libertados? - A escravidão segundo a Lei dos Reis - Sevicias e torturas de todas es especies - Os mercados de escravos descriptos por J. Kessel - Visões de fome, medo e morte - Fallam das pobres escravas - Os caçadores de creanças - Mortes a chicotadas - O trafico de escravos - Um artigo de E. Ludwig - As castrações - A mais cruel offensa á maternidade.

Uma publicação recentissima, que offerece um notavel interesse, é a de um escriptor americano, James E. Baum que foi chefe de uma expedição scientifica na Ethiopia. Encontraram escravos e provas de escravidão em todos os lugares percorridos. Vivamente impressionado com a gravidade de um phenomeno tão repugnante á cosciencia humana, não hesitou em manifestar-se sobre o assumpto com o proprio Regente Tafari. Fez-lhe observar que se a Abyssinia não fizer um passo concreto para abolição da escravidão e se não se decidir a fazel-o dentro em breve, poderia succeder que um Estado europeu obtivesse o consenso e o apoio popular do mundo civilizado para um plano que visasse tornal-o senhor e administrador daquelle paiz ».

São absolutamente nullos os effeitos dos decretos contra a escravidão. Segundo um relatorio da Sociedade das Nações de 1927, os escravos libertados eram 1109 e 164 os traficantes de carne humana punidos. Um milhar de libertados por dous milhões! Eis a maneira porque o imperador da Ethiopia obtempera os compromissos em virtude dos quaes, foi admittido a Genebra.

Diz-se que a escravidão assume fórmas humanas na Abyssinia e que aos escravos é pelo menos assegurado o amparo e a alimentação; não é verdade. Entretanto, se confunde e escravidão pro-

priamente dita como captiveiro secular e não ha quem não ignore que se trata de duas cousas bem differentes. Para se ter uma idéa das condições dos escravos basta consultar o « Fatha Nagast » a lei dos Reis, que representa na Ethiopia o « Corpus juris » religioso e civil. Le-em-se proposições do seguinte genero: « Os filhos do escravo são de propriedade do patrão; o filho da escrava é propriedade do patrão della, quer de pae liberto ou de escravo, em matrimonio ou em concubinato ». O escravo é equiparado á besta. « Se a besta ou o escravo vendidos, fogem no prazo de seis mezes e por culpa do comprador, este nada póde reclamar ao vendedor ».

O relatorio enviado em 1932, ai Ministerio britannico dos Negocios estrangeiros enumera casos horriveis de punições e de torturas infringidas aos escravos. Falla-se de patrões que queimam com agua fervendo o ventre e as pernas a escravas surprendidos em intimidade com escravos; de outros que pelas mesmas razões, os tormentam com um ferro em braza até a morte.

Um escriptor de fama mundial, J. Kessel, em um livro recente, « Marché d'esclaves » (Les editions de France) conta ter sido informado de cousas atrozes sobre o tratamento dos escravos. « Sempre fome, trabalho, colher lenha, transportal-a, rachar pedras. Quando o patrão não está satisfeito ou está embriagado, levamos chicotadas. E quando é provavelmente máu suspende-nos pelos pés sobre um fogo onde derramaram « berberi ».

A esta confissão feita por um pobre escravo, Kessel não poude conter o seu horror. « Tinha tido a opportunidade de provar o prato nacional dos abyssinios o « wat », uma fricasséa de carneiro e de gallinha regada de « berberi » pimenta vermelha em comparação do qual o mais violento « carry » indiano parece doce. E estes infelizes tinham sido obrigados a aspirar estas exhalações com a cabeça baixa! E por um instante tinha podido pensar que o seu destino não fosse uma absoluta iniquidade! ».

Assim viu Kessel estes pobres seres pelas ruas de Harrar. Cedem o passo a quem quer que seja, o seu olhar gira amedrontadamente em torno dos transeuntes, os braços esboçam uma humilde defeza contra as pancadas. Sente-se que nenhuma lei os pro-

tege. A bocca entreaberta revela uma fome eterna, o olhar um terror perpetuo. « Bastam poucos annos para embrutecel-os. Ha alguns que dão o sensação de cousas inanimadas! outros que parecem jamais terem sido bafejados pelo sopro da vida. Uma attitude humana uma mostra de bondade, despertam nestas creaturas lembranças confusas de uma época longinqua e ephemeros lampejos de intelligencia ».

Falla uma escrava: « Venho do Tigré; nasci escrava de um guerreiro. Não conheci nem pae nem mãe. Segui meu patrão por toda a parte; foi morto em um combate contra um soldato deste paiz. Agora sou delle ».

Outra: « Não lembro mais de onde vim. Havia ha muito tempo nas proximidades de uma grande floresta uma aldeia.; um dia esta foi queimada. Alguns homens que berravam me levaram; com que esforço, caminhei longe muito longe com elles. Tive muitos patrões, muitos filhos. Não lembro mais nada. Os patrões venderam-me e me foram raptados os filhos ».

Mais outra: « Era muito pequenina. Brincava na choupana dos meus paes. A porta estava aberta. Uma mão se avançou, fui agarrada pela nuca e me encontrei a cavallo. Depois de uma longa marcha cheguei em Addis Abeba. Fui vendita e revendida. O meu ultimo patrão veiu para cá ».

Juntamente com o explorador Monfreid, J. Kessel quiz assistir ao rapto de uma creança que levava as cabras ao pasto. « Foi verdadeiramente um golpe de um fauno. Nem o menor ruido quando se lançou tampouco quando parou. Um simples feixe de muscolos que se deslocava por sua propria força no ar. A pequena que seguia as cabras, não teve tempo de gritar. Envolta, amordaçada num panno tornou-se de repente, um minusculo embrulho sem defeza. Selim pol-a sobre os hombros e antes ainda que tivessemos podido sahir do nosso esconderijo, lançou-se pelo caminho da nossa descida.

« Vimol-o durante um certo tempo correr pelo valle que se clareava na aurora. Depois desappareceu entre os rochedos com a sua presa. O rapto tinha sido consumado ».

No dia seguinte Kessel conseguiu resgatar a pequena e restituil-a ás suas magras cabras. Foi-lhe impossivel poucos dia depois, salvar um pequeno escravo cruelmente morto a chicotadas.

Fomos convidados um dia para um jantar em casa do filho de um « deyaz » que combatia contra os rebeldes do Tigré.

« O jantar foi servido á européa, isto é, em pratos e com talheres não muito descombinados. Comeu-se entretanto o « wat » (que eu não podia mais provar sem pensar na pimenta vermelha que se fazia sentir como castigo aos escravos) e bebeu-se o « tetch », hydromel violento que logo sóbe á cabeça.

« Acabado o jantar, passámos numa especie de sala de recepção que dava non pateo. Todos os pateos são adjacentes em Harrar e eis que daquelle que estava á direita da casa do nosso hospede, ouvimos no silencio nocturno, um gemido indefinivel. Era tão baixo e abafado que no começo pensei ao lamento de um animal adormecido; Mas de repente, ouviu-se um pranto mais forte, infantil, commovente. Era uma voz humana. O jovem senhor abyssinio franziu as sobrancelhas e deu uma ordem a um dos seus homens. Este se afastou. Alguns gemidos chegaram ainda até nós, depois um ruido de blasphemias a que se succederam golpes e o silencio.

« Com o tom mais affavel o nosso hospede disse-nos: — Peço vos desculpar este tumulto. O meu vizinho tem un pequeno escravo insupportavel; hontem bebeu-lhe meia garrafa de « tetch ». O meu amigo o suspendeu e o está castigando. Não admitto, porem, que elle grite quando os senhores estão aqui.

« No dia seguinte, não me poude conter de passar em frente daquelle pateo. Os mesmos gemidos; mais tarde não percebi mais nada. Soube depois por um « boy » que o pequeno escravo não pudera aguentar as chicotadas e que tinha sido enterrado no pateo onde vivia o vizinho do jovem e sympatico abyssinio ».

Este jovem senhor « tinha sido educado por religiosos francezes conhecia perfeitamente a lingua franceza e procurava em todos os modos de agradar os seus hospedes europeus.

Toda a Ethiopia é um immenso mercado de escravos e não

ha casa que não tenha o seu esconderijo. J. Kessel visitou-os; são guardados por homens armados, onde se amontoam pobres mulheres como gallinhas num poleiro. Estavam tão exhaustas pelos longos padecimentos que nem ao menos podiam abrir os olhos ».

Pelas ruas mysteriosas, secretas, ruellas, esta pobre carne humana é levada á costa. São inscriveis os soffrimentos destes infelizes. Em um artigo dramatico publicado no jornal *Bohemia* de Praga, de 21 de julho de 1935, sobre « O Negus e seus escravos christãos », E. Ludwig conta a odysséa sem nome destas caravanas atravez do deserto. « Nestas estradas desertas se encontram hoje como outr'ora, cadaveres de homens desfallecidos, emquanto outros morrem antes affirma-se, mais da metade, em consequencia da castração que é feita sem medicos e sem hygiene ». Chegados á costa onde se dirigem estes traficantes deshumanos, deshonra da humanidade? Dil-o Ludwig. « No mar Vermelho, que é atravessado quasi diariamente por navios elegantes, em que recostada na ponte superior a dama se repousa das suas fadigas, respirando a brisa nocturna, deslizam no largo de Gidda, brancas velas atravez da escuridão e os officiaes as acompanham com o binoculo; talvez sorrindo desviam os olhar, porque é cousa que não os interessa. Quando um dia, um navio de guerra inglez poz-se á caça de uma dessas embarcações, o commandante da mesma atirou ao mar todos os escravos; obrigando os inglezes a salval-os, conseguiu fugir. Outras embarcações aportam a uma ilha rochosa do Mar Vermelho, entregam a outras a mercadoria que é transportada ao Heggiaz, porque, em Giebba não ha mais mercados de escravos e sim na Mecca; centenas de escravos são levados occultamente como peregrinos que se dirigem a Mecca. Sabem-n-o os viajantes. Por toda a parte se encontram intermediarios que não poupam dinheiro, porque um bonito menino de doze annos ou uma menina de quatorze, rendem até 120 libras e uma mulher gravida, que poderá ainda se tornar bella, custa menos porque a creança da suas entranhas, está comprehendido no preço ».

A XENOPHOBIA CONTRA A CIVILIZAÇÃO

O trafego abusivo das armas em um livro do dr. E. Collombet - A resistencia á toda e qualquier iniciativa de civilização e de progresso - A ingratidão para com a França em um livro de A. Armandy - « Dae-nos Gibutil » - Os « dindons de la farce » - O desprezo do explorador M. Griaule - A primeira visão que a Italia teve da Abyssinia em um pagina de Fernando Martini - As trahições á Italia - O tratado de Uccialli - O imperador Menelik julgado por Ras Alula.

Que fez o governo da Ethiopia para impedir o trafico dos escravo? Absolutamente nada. « Alguns governadores da Ethiopia em lugar de se opporem á marcha dessas caravanas, percebem direitos de peagens. Regressando á Abyssinia estes traficantes de homens, importam armas e munições tambem fraudolentamente, que vendem ás populações da costa, cuja cumplicidade foi assegurada. Caravanas de escravos na ida, caravanas de armas e munições na volta, tudo isto constitue um commercio criminoso e remunerador. Estes « negociantes » de um typo tão especial, são perfeitamente conhecidos: São pessoas que empregam as suas fortunas tão vilmente accumuladas ao abrigo de todo e qualquer perigo mediante os arranjos que sabem procurar onde quer que seja e as gorgetas, com as quaes compram toda a especie de cumplicidade ». (Collombet).

Abordamos dest'arte, um outro dos compromissos assumidos pelo governo de Addis Abeba, nas suas relações com a Sociedade das Nações: O trafego das armas. Em verdade a 19 de maio de 1931, o governo ethiope publicou um decreto e um regulamento que prohibiam a importação e o commercio das armas aos particulares. Note-se que este decreto foi publicado sete annos depois dos compromissos assumidos para com Genebra. Foi apenas uma far-

ça, um expediente destinado ao engodo para os governos europeus. As « razzie » e o trafico de escravos constituem um obstaculo insuperavel para a applicação de taes medidas.

O dr. Collombet reconhece este facto no livro citado, que em nada é hostil á Abyssinia e ao seu governo. « Estas medidas infelizmente estão bem longe de serem postas em pratica. A introdução illicita das armas e munições continua a ser feita em vasta escala na Ethiopia. Trata-se de um commercio muito proveitoso ».

A verdade é que o governo de Addis Abeba, é hostil a toda e qualquer relação capaz de redundar em civilisação. A cultura superficial de algumas classes previlegiadas, não logrou senão exasperar a xenophobia até o paroxismo. Armandy durante a sua recente exploração, ficou estupefacto deante dos episodios diarios, reveladores de um odio inextinguivel para com os brancos. Até nas relações com a França, que de tantas maneiras procurou favorecer aquelle malfadado paiz, a arrogancia abyssinia assume um aspecto insuspeitavel. Convem referir um breve dialogo entre Armandy e um diplomata francez, residente no paiz:

« — A França não sómente nada obteve, como tambem a Abyssinia enfrentou os paizes que combateu a até os que protegeu.

« — Será possivel? A Abyssinia teria tido semelhante ingratidão?

« — Por favor não falle assim. A ingratidão presuppõe a noção da gratidão e os abyssinios della não tem a menor idéa. Estes são accessiveis a um unico sentimento: a vaidade. A sua admissão na Sociedade das Nações, sob o patrocinio da França, teve por consequencia a idéa desmedida da sua propria entidade. E a primeira consequencia dessa megalomania, foi esta phrase dirigida á França neste discurso: Já que dizeis — e o provastes — que a Ethiopia attingiu um grau de evolução que a equipara ás grandes potencias civilizadas, não podeis razoavelmente admittir que vivamos sem uma sahida para o mar. Dae-nos, Gibuti!

« — Que insensatez!

« — Pelo contrario, é até mesmo inevitavel, para aquelles que

conhecem os abyssinios. E como nós recusámos, nos fazem acintes de toda a especie, na esperança de nos induzirem assim, a ceder. O facto é que hoje somos os « dindons de la farce ».

Não ha exageração nestas affirmações de Armandy. Estão peremptoriamente confirmadas no communicado que o Snr. Griaule, che fe da missão ethnographica franceza « Dakar-Djibouty » deu aos jornaes em 1933, depois de ter attravessado toda a Africa septentrional e depois de ter morado alguns mezes na Ethiopia. Alguns trechos. « Durante uma estada de sete mezes da missão na Ethiopia, viu-se ella em difficuldades de toda a sorte, devido ao estado de anarchia politica do paiz e á violenta xenophobia dos padres e dos chefes ». E mais adeante: « Os resultados scientificos foram alem de todas as esperanças. Em Gondar, o trabalho da missão comprehendeu principalmente uma investigação sobre os usos e as tradições populares e varios recenseamentos entre os quaes o nominativo dos escravos de Gondar. Este recenseamento permittiu constatar a existencia de 1400 escravos numa população total de cerca de 6000 habitantes ». E ainda mais: « A attitude inqualificavel das autoridades locaes abyssinias, que foram sempre acobertadas pelo governo central, fez decidir o snr. Griaule a partir para Gibuti, termo da sua viagem africana atravez da Eritréa, sem passar por Addis Abeba, em signal de protesto ».

Se ha uma nação que tenha conhecido a ingratidão abyssinia, esta é sem duvida a Italia. No dia seguinte á occupação de Massaua, toda uma população de miseraveis desceu do Tigré para a cidade como para a terra promettida. O governador da colonia, temendo as epidemias, confinou prudentemente todos esses infelizes nas planicies de Otumlo. Um eminente escriptor italiano que foi depois governador da Eritréa, Ferdinando Martini, visitou um dia a planicie de Otumolo e della fez uma terrivel descripção em um livro classico: « nell'Africa italiana ». « Neste trecho de deserto alguns tinham construido um « tucul » ainda mais miseravel do que os de costume, outros tinham apenas uma esteira; os mais afortunanados tinham como casa uma mouta, como leito a areia escaldante. Aqui e acolá cadaveres abandonados com a cara co-

berta por um panno; um horrivel, parecia mover-se, tal a quantidade de insectos que lhe andavam pelos membros deformados e desfeitos pelos raios de sól. Os mortos esperavam as hyenas, os vivos a morte. De uma moita saem fios de voz, estendem-se maõs descarnadas, tremendo ao ultimo suspiro. Na areia um moribundo senta-se com supremos esforços e olha com olhos esgazeados, vitreos; não encherga, dá um gemido e cae de novo no chão, batendo a espinha e a nuca; acolá uma mulher acocorada que não póde mais fallar, aponta com um movimento continuo da cabeça um menino de quatro ou cinco annos, que está proximo ao desfallecimento e que estendido aos seus pés, volvendo as pupillas amortecida, sussurra « meschin, meschin » com voz languida e rouca. Approximamo-nos para soccorrel-a e dos trapos immundos surge immediatamente uma turba de escheleticos em cujos corpos, sob a pelle esticada distinguem-se todos os ossos, como nas carcassas mumificadas do Grande São Bernardo. Tentam seguir-nos, sussurram tambem « meschin, meschin »; exgottados caem; procuram levantar-se, caem novamente, pedindo auxilio com gemidos que parecem uivos. As mães levantam a custo os filhos e seguem-n-os com prantos e gritos mostrando-nos no lugar do seio uma prega de pelle. Distribuimos algumas liras, soccorro ridiculo para tão grande miseria e para quem estará morto dentro de uma hora. E a procissão dos peões, dos traficantes, das mulas, continuava numerosa e barulhenta. Afasto-me para evital-a e esbarro em creanças que remechem no esterco dos camelos, em busca de um grão de « dura »; volto-me horrorisado e vejo outras creanças, que os « zaptié » afastam a força, de uma carcassa de cavallo, nauseabudo resto de hyenas, da qual, atracados, arrancavam com os dentes os intestinos, as tripas que eram mais molles porque mais podres. Fujo horrorisado, estonteado, envergonhado da minha impotencia escondendo por vergonha a corrente do relogio, envergonhando-me do almoço que comi e do jantar que me esperava. Por varias noites, entre a allucinação e o somno, no desvanecer-se e na confusão das imagens, tive pesadelos, perseguiram-me visões, algumas das quaes ainda me lembro. Ora me accordava

sobresaltado o contacto de um corpo gelado, ora uma mão gelada e ossuda comprimia-me o peito cortando-me a respiração, e no somno sobresaltado parecia que eu fugia, fugia sob um sól ardentissimo, sem destino, sem salvação, por terras illimitadas, perseguido por hyenas que uivando se approximavam, perseguidas por uma bando de Sudaneses, com cavallos gigantes, que corriam á redea solta no meio de uma multidão de frades, de traficantes, de mulheres, de esqueleticos com lanças e guarda-sól ».

Este foi o primeiro contacto immediato que a Italia teve com a gente abyssinia. Ella não poupou providencias, cuidados, de todas as especies para fazer desapparecer ou pelo menos mitigar uma miseria secular. E até onde poude fazer-se sentir a sua influencia, os resultados foram beneficos e confortadores. Infelizmente, a sua obra de civilização achou um constante, algumas vezes insuperavel obstaculo, na má vontade do governo da Ethiopia, avesso a toda e qualquer forma de progresso civil.

Não se contam as trahições consumadas pela Abyssinia em prejuizo da Italia. É typica aquella perpetrada pelo imperador Menelik em 1893. Simples rei do Scioa, pela morte do negus Giovanni, cahido na batalha de Metemma (10-12 de março de 1889), foi feito imperador com a ajuda da Italia. Tendo subido ao throno, assignou com o plenipotenciario da Italia, conde Antonelli, um tratado que foi denominado de Uccialli (2 de maio de 1889). O primeiro cuidado da Italia foi o de pôr un freio á escravidaõ. O artigo 14, do tratado assim dizia: « O trafico dos escravos, sendo contrario aos principios de religião christã, S. M. o Rei dos Reis da Ethiopia empenha-se em impedil-o com toda a sua força, de modo que, nenhuma caravana de escravos possa atravessar os seus estados ». Inuteis os commentarios. Estavamos em 1889! É digno de especial menção o artigo 17: « S. M. o Rei dos Reis da Ethiopia consente em servir-se do Governo de S. M. o Rei da Italia, para todas as negociações que tiver com as outras Potencias e Governos ». Essa clausola, que estabelecia o protectorado italiano sobre a Ethiopia e que tinha encontrado uma applição immediata por occasião da conferencia antiesclavagista de Bruxelles em março

de 1890, á qual a Ethiopia fôra representada pela Italia, foi descaradamente rejeitada pelo rei do reis em fevereiro de 1893, com o pretexto, de que, não tinha comprehendido bem o significado e o valor das palavras! Com razão ras Alula, o mais altivo adversario da Italia, que surprendeu os italianos em Dogali e commandou ás hordas abyssinias em Adua, conversando um día com o plenipotenciario do governo de Roma, dr. Cesare Nerazzini mostrou-se indignado com a má fé do seu soberano. Lê-se em um relatorio de Nerazzini de 2 de novembro de 1891 (um anno antes da denuncia unilateral do tratado de Uccialli de parte do Negus): « Quando ras Alula falla de Menelik, saltam-lhe os olhos das orbitas e diz-nos parecer-lhe impossivel que, não tenhamos ainda castigado a sua duplicidade ». Ras Alula, o mais famoso condottiere abyssinio era um bom juiz.

AS COLONIAS ITALIANAS AMEAÇADAS

Fechada a porta á Italia na Ethiopia - Um tratado de « amizade e collaboração » jamais effectuado - Offertas italianas repellidas - A agencia consular de Gondar incendiada - Contractos violados - A convenção sobre a estrada de Assab-Dessié - O assassinato do coronel Peluso - A libertação dos culpados - As concessões á Inglaterra, á França, ao Japão - Um artigo de M. Pernot - Não ha fronteira demarcada entre a Ethiopia e a Somalia italiana, não obstante os tratados de 1897 e de 1908 - As ameaças e as aggressões armadas contra a Italia, de 1912 a 1934.

A verdade é que em todas as épocas, a Italia viu fecharem se-lhe as portas na Ethiopia, não obstante os tratados, os compromissos e as solemnes promessas para uma collaboração cordial economica entre os dois paizes. Ha entre outros, dois tratados de commercio italo-ethiope: um de 24 de junho de 1897 e outro de 21 de julho de 1906. Ha alem disso, uma troca de notas de 22 de junho de 1908, para regularizar as questões commerciaes de fronteiras, entre a Ethiopia e a Somalia e ha finalmente, o tratado de « amizade e de collaboração » assignado em Addis Abeba em 2 de agosto de 1928. O preambolo deste tratado fundamental, diz entre outras cousas que os dois governos « quizeram que as relações economicas entre os dois Paizes se estendessem » e o artigo 3, precisa que « os dois governos se empenhem em ampliar e a fazer prosperar o commercio existente entre os dois Paizes ».

Que portas abriram á Italia estes tratados?

Nenhuma. É uma historia recente. A Italia pede em base ao artigo 3, da convenção de 1906, a « alfandega unica ». Não a obtem senão treze annos depois, em 1919, ao passo que foi immediatamente concedido á França o pagamento da alfandega unica para as mercandorias de todas as procedencias.

A Italia pede em 1906, a concessão para a construção de uma estrada de ferro Setith-Gondar. Não a obtem. Solicita-a ainda em 1913, em fins de 1915 e ainda em 1917. Estes pedidos foram sempre recusados. De 1910 a 1919, o governo italiano apresenta uma serie de solicitações de caracter politico e economico que deveria desenvolver as relações de bôa vizinhança e consolidar a amizade entre os dois Paizes. A recusa dos ethiopes é constante. Um exemplo entre muitos. Em 1911 o agente consular da Italia em Gondar, estipula com a autoridade local o deggiac Mesciascia, um contracto para o arrendamento dos terrenos do Carodá para experiencias agricolas e industriaes. Espera em vão a ratificação do governo de Addis Abeba.

Desde 1913, o governo italiano offerece um emprestimo para a reorganização financeira administrativa ethiope a ser confiada a um chefe abyssinio assessorado por um perito italiano. A proposta é submettida a exame; este porem dura até 1915 sem ser concluido. A Italia renova a offerta em 1917. Segue outro exame terminando com a apresentação de um projecto britannico que sem tomar em consideração os anteriores, pretende substituir o italiano.

Em janeiro de 1915, o governo italiano pede a creação dos postos francos em Gondar, Adua, Dessié. Não é acceito o seu pedido, embora desde 1913, alguns grupos particulares interessados, tivessem tido promessas formaes do governo de Addis Abeba.

No mesmo anno um mysterioso incendio destruiu o acampamento da agencia consular italiana em Gondar, onde se encontravam tambem alguns depositos para mercadorias. Pede-se em vão, a licença para a reconstrução dos armazens; solicita-se em vão, a concessão de um terreno conveniente para a sede consular.

A transferencia das minas de potassa de Dallol, exploradas em 1912 pelos irmãos Pastori, em propriedade italiana foi recusada não obstante um regulamento contractual de julho de 1917, que contem notaveis clausulas em favor do governo ethiope.

Em 1919, a Italia contracta na Abyssinia a compra de dez mil cabeças de gado para o abastecimento militar da Eritréa. Anticipa

40 mil thaleros, mas de repente a autoridade ethiope, uma vez recebido o dinheiro, prohibe a exportação das mercadorias e só depois de exhaustivas negociações autoriza e sahida de apenas duas mil cabeças — offerta insufficiente que foi rejeitada.

Esperava-se uma mudança depois da guerra. Entretanto nada muda. O cordial e franco acolhimento feito a ras Tafari, em abril de 1924, durante a sua viagem á Roma, e a successiva assignatura do tratado em 1928, não têm seguimento.

Edificante a historia do accôrdo sobre as estradas que faz parte do tratado de 1928, que prevê a construcção de uma estrada de rodagem Assab-Dessié. Esta estrada é pedida pelo Imperador que solicita tambem a concessão de uma zona franca reservada á Ethiopia, em Assab. O Governo Italiano acolhe de bôa vontade todos esses pedidos. Espera-se um novo andamento nas relações italo-ethiopes. Assab pode ser um ponto de irradiação do commercio italiano para a Ethiopia septentrional.

A estrada de Assab-Dessié é de 510 kilometros, dos quaes 54 já estão construidos em territorio italiano, devia contribuir para o desenvolvimento commercial e civil de Aussa, uma das mais ferteis regiões da Ethiopia, onde, entretanto continúa em plena actividade o commercio dos escravos e o trafico das armas. Obtidas, porém, as concessões, o Governo de Addis-Abeba recusa as compensações e não cumpre os seus compromissos. A commissão technica dos engenheiros italianos, que devia traçar e fazer a estrada, não foi nem mesmo admittida em territorio ethiope. E ainda o imperador pedirá mais tarde á Italia a soberania directa sobre Assab.

Não faltam episodios sangrentos. Em 16 de Março de 1932, um subdito italiano, o ex-coronel Peluso, estabelecido na Eritréa e no Sudão Anglo-Egypcio, transfere-se para a Abyssinia para fins de commercio, emprehendendo, para os seus negocios, viagens em varias regiões. Tres mezes depois, em Junho, elle foi mysteriosamente assassinado em Dumanié, na zona do Menia. Os assassinos foram reconhecidos e presos; um, porém, consegue fugir

e os outros, pouco depois, são postos em liberdade pelas autoridades locaes.

A prova desta premiditada hostilidade ethiope para com os italianos, está na disparidade de attitude demonstrada pelo Governo de Addis-Abeba com os outros paizes. Em 6 de Abril de 1929, o Governo Abysinio concede á « Ethiopian Motor Transport Company », que já obtivera a concessão de uma estrada de rodagem de Gambella a Gore, a licença para a construcção de uma estrada de ferro de Gambella, no Rio Baro, á fronteira do Sudão, num percurso de cerca 60 milhas. Trata-se de uma região rica que faz parte do plano de expansão britannica. Foram tambem cedidas as minas de ouro e de platina no Bir-Bir á sociedade « Pickering and Roppers », de Londres, numa zona vasta, com exclusão de apenas 10 kilometros quadrados.

Não cumpre lembrar as recentes concessões na zona do lago Tsana.

Os francezes, também, que de ha muito gozam de uma posição privilegiada na Ethiopia, não se podem queixar de tratamento a elles dispensado em Addis-Abeba. Obtiveram do Negus a concessão das minas de platina e ouro no Baro e non Bir-Bir, que, em parte, cederam a terceiros. Conseguiram, tambem, para um syndicato Loucheur-Banca Thalmann, de Paris, o monopolio dos tabacos por apenas 5 milhões de francos. Possúem, tambem, é inutil lembrar a grande estrada de ferro Gibuti-Addis-Abeba.

Até o longinquo e remoto Japão poude emprehender em grande e vasta escala uma notavel actividade economica. Um publicista francez eminente, Maurice Pernot, illustrava a importancia e a grandeza disto num recente artigo do Journal des Débats. Nos planaltos que se extendem entre o Valle do Nilo o Mar Vermelho e o Oceano Indico, em quatro annos apenas o Japão obteve concessões para a cultivo do algodão, numa extensão de 300.000 hectares de terreno fertilissimo. « Um primeiro contingente de colonos japonezes, especializados no cultivo do algodão, estabeleceu-se naquellas regiões. A maioria éra constituida de moços. Não

trouxeram mulheres, por terem sido aconselhados a casar com as locaes ».

Ha coisas peiores. A Italia ainda não conseguiu, depois de 30 annos, definir os seus limites com a Somalia e a Ethiopia. Um accôrdo de 24 de Junho de 1897, entre Roma e Addis Abeba, estabelece que essas fronteiras deverão ser fixadas a uma determinada distancia da costa. Um tratado de 16 de Maio de 1908, estipula que na demarcação da fronteira entre a Somalia e a Ethiopia se deverá levar em conta os direitos das tribus, sobre as pastagens e os poços. Clausula importantissima que alterava a recta a linha theorica prevista em 1897, que devia ser substituida por uma demarcação que comportava necessariamente saliencias e reintrancias. Dahi a necessidade de estudos *in loco*. Prescreve-os, explicitamente, o artigo 5 do tratado de 1908: « Os dois governos empenham-se a fixar praticamente e no proprio terreno e no mais curto prazo essa linha de fronteira ».

Tudo isto é clarissimo e não comporta excepções. Mas o Governo de Addis Abeba foi convidado e solicitado repetidas vezes para a iniciar os estudos no terreno, e fugiu sempre ás suas obrigações, allegando, entre outras coisas, a impossibilidade de sua parte de enviar, *in loco,* « peritos qualificados ».

Esta situação torna a posse das colonias italianas extremamente incerta e precaria e torna principalmente impossivel, por ser muito arriscada, toda e qualquer iniciativa destinada a valorizal-a. Em vez de servir para a expansão pacifica do povo italiano, constitúe um passivo, dado que as obras emprehendidas não se podem desenvolver de accordo com um plano organizado, uma orientação methodica, que presuppõe a collaboração a boa fé da Ethiopia, a constante e progressiva civilização do seu vastissimo « hinterland ». As colonias italianas da Africa oriental, estão como que suffocadas; falta-lhes a respiração necessaria.

Accrescente-se a isso o estado de guerra permanente e a ameaça perenne das « razzie » e das agressões nas suas fronteiras e além.

É historia recente. Já em 1912, houve em Addis Abeba uma

viva campanha contra a Italia, empenhada na empreza da Lybia. Queria aproveitar-se das hostilidades italo-turcas para atacar a colonia Eritréa. Como de costume, o Governo Ethiope promoveu e alimentou uma campanha hostil por meio de opusculos, artigos e canções injuriosas.

Em Março e Abril de 1914, o Negus Uolda Ghiorgis com um corpo de tropas calculado em mais de 50.000 homens, avançou pelo Tigré até a fronteira. O Negus não ignorava que a colonia estava desguarnecida de tropas, tendo enviado diversos batalhões para a Lybia. Foi preciso chamar telegraphicamente da Lybia os batalhões eritreus e fazer partir da Italia tropas metropolitanas e material bellico. Foi necessario, emfim, enfrentar uma grave crise economica, que a imprevista ameaça de guerra produzira na Eritréa.

Ainda em Fevereiro de 1915, o Negus Micael preparava um novo plano de ataque contra a Eritréa com tres corpos de tropas, num total de 150.000 homens: plano militar ligado a uma intensa propaganda politica entre as populações indigenas. Apezar de informada a tempo, poude a Italia, novamente, conjurar esse perigo; o facto, entretanto, não deixou de prejudical-a gravemente não só na Lybia onde não foi mais possivel enviar divisões eritréas, como tambem na acção geral da guerra, porque a obrigou á simples defensiva na Africa oriental, impedindo-lhe de participar de outras eventuaes operações coloniaes.

Em 1916, Ligg Yasu promoveu na Somalia um movimento particularmente grave que determinou uma acção de guerra authentica em Boluburti.

Foi após a guerra que a arrogancia ethiope assumiu aspectos e modos particularmente aggressivos.

Em 1920, Mullah, rebellando-se contra a Italia e os Inglezes, foi recebido cordialmente em territorio Abyssinio, na fronteira da Somalia Italiana, obrigando a Italia a novas e dispendiosas medidas militares. Em 1922, effectuou-se a expedição de Fitaurari Aialeu, que pedia arrogantemente ao Governador da Somalia exigir o tributo *armata manu* em territorio italiano, por meio das

suas tropas contra todas as familias de origem ethiope que se achassem nos centros de colonização protegidos pela bandeira italiana.

Em 1923 o Deggiac Uaké e Uolda Sellassié, organiza uma verdadeira expedição militar com propositos ameaçadores, exigindo da Italia providencias urgentes e definidas.

Em 1925 e 1926, a Italia empenhou-se em vastas operações policiaes, tendentes a dominar a revolta de algumas tribus migiurtine e a occupar definitivamente a Somalia do Norte. O Governo ethiope aproveitou-se disso para fornecer armas e munições aos rebeldes, do que não fez mysterios, porque dominada a revolta, concede terrenos e pensões aos chefes dos rebeldes, que fogem assim ás justas sancções.

Em 1931, tocou á expedição de Deggiac Gabré Mariam, que ameaçou ataques nas fronteiras italianas ao longo de Scebeli.

Em 1934, Ual-Ual abriu a serie de incidentes e das aggressões que se repetem quasi todos os dias contra divisões, consulados e correios italianos.

Não ha observador imparcial que não seja forçado a reconhecer que semelhante situação é verdadeiramente intoleravel e de tal ordem a diminuir o prestigio de uma grande potencia como a Italia. E não sómente o prestigio, mas os seus legitimos, vitaes interesses, o seu direito, universalmente reconhecido, a uma expansão justificada pela sua posição geographica e demographica, pela sua contribuição duas vezes millenaria para a civilização.

UM SECULO DE MARTYRIO E DE EXPLORAÇÕES ITALIANAS NA ETHIOPIA

A travessia da Africa por Pellegrino Matteucci - « O nome da nossa fé, da nossa Patria, do nosso Rei » - As iniciativas de Giuseppe Sapeto - O massacre da expedição Giulietti - O explorador Gustavo Bianchi morto numa emboscada - A expedição Porro no Harrar alli massacrada - As perdas da expedição Cecchi em Benadir - O grande explorador Bòttego morto na Ethiopia occidental - O apostolado do cardeal Massaia - O imperador Theodoro vencido e humiliado pelo frade - Os estudos scientificos do marquez Orazio Antinori - Os escravos libertados pela Italia transformados em colonos.

É um facto significativo que a parte da Africa na qual se formaram as primeiras colonias italianas, Eritréa e Somalia, seja a que intrepidos exploradores italianos percorreram em todos os sentidos no ultimo quarto do seculo passado. É indiscutivel a primazia italiana na exploração daquelle vasto triangulo africano, que tem por vertice o cabo de Guardafui, por lados o Oceano Indico e o Mar Vermelho e por base o Sudão anglo egypcio.

Sae-se dos limites das habituaes explorações quando se recorda Pellegrino Matteucci. Este que na sua primeira e segunda viagem percorrera o Sudão e a Abyssinia, na terceira realizou effectivamente a travessia da Africa. Chegado a Kartoum em março de 1880, seguiu para Cordofan e Wadai, terra esta ultima considerada inviolavel pela ferocidade das populações e principalmente pela attitude hostil do seu sultão para com os brancos. Em seguida em companhia de Massari, posta de lado a primitiva idéa de dirigir-se para o Norte, sahindo em Tripoli, preferiu a exploração das bacias do lago Ciad e do Niger; Chegou o Bornu, onde ficou tres mezes, passou depois nas regiões de Socoto, de

Gura, de Nupé e terminou na bahia de Biafra, no golfo de Guiné.

Alfredo Oriani, o grande escriptor que mais do que qualquer outro comprehendeu as razões historicas da expansão da Italia na Africa, lembrou em uma pagina commovedora o seu heroico e bondoso companheiro de escola. « Um anno durou aquella marcha; o deserto foi vencido, as suas oasis perderam-se na distancia e appareceram rios, territorios ferteis valles paradisiacos. Toda a prehistoria fora atravessada; o deserto reappareceu, os montes ergueram-se virgens e inacessiveis, os lagos estenderam-se immensos como mares, nunca dantes sulcados pelo homem. E adeante, adeante. A febre que se assenhoreava do sangue do intrepido viajante, escaldava-o de noite e gelava-o de dia. Mas a marcha continuava sempre. Centenas e milhares de kilometros ficavam-lhe atraz; o centro tinha sido ultrapassado, uma outra praia, um outro oceano o esperavam. A Africa fôra vencida, a gloria conquistada. A Italia havia descoberto um novo mundo ».

Daquella portentosa travessia, Matteucci trouxe nas veias o germe da enfermidade mortal que o victimou no seu regresso em Londres. Morria com trinta annos apenas (1850-1881) sem poder deixar o resultado scientifico completo da grande viagem que realizára com o pensamento sempre fixo na honra que essa daria á Italia. Sustentava-o sempre, assim escrevia, a consciencia de ter cumprido juntamente com os seus companheiros todo o seu dever de italiano. « Gabar-nos-emos sempre de termos levado o nome da nossa fé, da nossa Patria e do nosso Rei, atravez da Africa ».

Se a ultima viagem do Matteucci ultrapassou os limites de uma exploração exclusivamente nacional, porque a sua importancia scientifica assumiu um caracter universal, as viagens do outro italiano Giuseppe Sapeto, originaram as primeiras affirmações coloniaes da Italia resurrecta. Nascido em Carcare, nas proximidades de Savona em 1809, Sapeto com sessenta annos, negociou em 1869, para a companhia de navegação Rubattino a compra da bahia de Assab com os sultãos Ibrahim e Hassan: a compra que em 1882 foi convertida em possesão italiana. O nome de Sa-

peto está portanto ligado ao proprio inicio da historia colonial italiana. Mas, se em 1869 cumpriu então aquella missão para a Rubattino, foi porque essa parte do continente africano conhecera-o ainda muito jovem em trajes de explorador. Em 1838, desembarcara em Massaua e internara-se no Tigré, concluindo com um principe local um tratado por conta de Luis Philippe de França. Entre 1850-60, visitara juntamente com um missionario por encargo da Propaganda Fide, diversos paizes ethiopes; e, em seguida voltara ainda ao Tigré por conta de Napoleão III. Mas finalmente a Italia resurrecta tinha podido aproveitar-se das energias desse seu valente filho.

Depois delle quantos homens e quantas victimas gloriosas! A exploração italiana naquelle triangulo ethiope foi um longo martyrologio. Em 1881, a expedição Giulietti foi massacrada em Dancalia. Juntamente com o chefe um piemontez com pouco mais de trinta annos cahiu com os seus dez companheiros, ligures, napoletanos e sicilianos. Anteriormente, Giulietti realizara uma viagem scientificamente importante de Zeila ao Harrar.

Segue em 1883 o assassinato de Pedro Sacconi um piacentino que levado por intuitos commerciaes, mas tambem por espirito de aventura e por curiosidade do desconhecido, percorrera tambem as terras ethiopes. Finalmente quiz penetrar nas terras dos Ogaden situadas no centro dos paizes somalos, ainda não visitadas por brancos. Alli marchando para o Uebi Scebeli, encontrou a morte nas maõs dos indigenas.

No anno seguinte 1884, chega a vez de uma personalidade muito mais importante do que a do Sacconi, Gustavo Bianchi. Tinha participado á segunda expedição Matteucci e destacando-se desta num certo ponto, conseguiu por em liberdade um outro explorador, Cecchi, prisioneiro de uma barbara rainha do Ghera, nos lados do Goggiam. Depois resolveu explorar os paizes situados entre o centro da Abyssinia e a costa do Mar Vermelho: Mais precisamente pretendia alcançar Assab passando pela denominada planura do Sal, deserto aridissimo, infernal. Era uma empresa audaciosissima e foi desaconselhado tanto por Manfredi Campe-

rio como pelo Negus Giovanni. Com heroica obstinação Bianchi, interrompendo a marcha, retomou-a e trahido pela guia cahiu numa emboscada, encontrando a morte juntamente com os seus companheiros Diana e Monari.

Seria demasiado longo contar uma por uma as tragedias da exploração italiana. Depois do massacre da expedição Porro no Harrar (1886), houve um intervallo de um decennio. A serie sangrenta recomeça com o massacre da expedição Cecchi no Benadir (1896) e da de Bóttego na Ethiopia occidental (1897).

Bóttego está qualificado entre os grandes exploradores modernos. Se em alguns dos seus antecessores a audacia e o espirito de iniciativa pareceram maiores do que os resultados scientificos das suas emprezas, elle entretanto ligou o seu nome á obras de importancia geographica de primeira ordem, como o reconhecimento, do curso do Giuba e o do Omo. Quanto áquelle poude publicar elle mesmo os resultados da sua exploração (O Giuba explorado); quanto ao segundo foram inseridos no volume Omo publicado pelos superstites Vannutelli e Citerni que foram postos em liberdade por Nerazzini.

Se Vittorio Bóttego plaina acima de todos na serie dos exploradores-scientistas, outros são dignos de ser mencionados ao seu lado. Em primeiro lugar o cardeal Guilherme Massaia, que tendo penetrado como simples frade na Abyssinia em 1846, alli estabeleceu-se por mais de trinta annos, desenvolvendo uma notavel obra de apostolado entre padecimentos e peripecias indescriptiveis. Foi até acorrentado e conduzido perante o feroz Theodoro que, diante da altivez do missionario, ficou interdicto e declarou-se « vencido pela primeira vez por um frade ». Em seguida Horacio Antinori, naturalista notavel que passou os ultimos annos numa estação do Scioa; já septuagenario proseguiu os seus estudos naturalistas, sendo surprehendido pela morte em 1882; Antonio Cecchi autor da importantissima obra *De Zeila ás fronteiras do Kaffa*; Giovanni Chiarini, morto prisoneiro da rainha do Ghera que fechou os olhos lastimando não ter podido cumprir

o encargo que lhe fora confiado pela Sociedade Geographica Italiana.

Comprehende-se bem como esses precedentes historicos e ideaes impuzessem á Italia uma acção prompta e efficaz contra a escravidão, assim que occupou as terras africanas. São typicas a esse respeito as attribulações na Somalia italiana. Antes da occupação italiana, a escravidão florecia como hoje na Ethiopia, nas regiões do Alto Giuba, no medio e baixo Scebeli, na terra de Buracaba e nas cidades da costa, principalmente em Merca e Mogadiscio. Havia em Lugh um authentico mercado de escravos, que affluiam das regiões meridionaes da Ethiopia, das terras dos Arussi, dos Borana e de Gimma, e em pequena quantidade da costa Suahli. Alli os escravos eram adquiridos por traficantes do lugar que os expediam para Audegle, onde se abasteciam as varias cabile que cultivavam as terras dos rios Uadan, Bimal e Gherra e os habitantes de Merca e de Mogadiscio em busca de « burros de carga » para os mais pesados trabalhos da cidade.

De 1892 a 1907, em quinze annos apenas a escravidão desappareceu completamente nas regiões sujetas á soberania italiana. Nada foi poupado para render este serviço á humanidade. Não basta porem a libertação dos escravos. O que será delles quando alforreados, tiverem que cuidar da propria existencia? O systema progressivo da acção libertadora italiana virá a resolver tambem este problema de vida economica e de dignidade sociale moral dos escravos reentrados no regimen dos homens livres. Não os abandona á beira das estradas, pagos com a liberdade, mas os ajuda e os assiste.

Uma nova vida floreceu entre os libertos. Espalhada a noticia em toda a Ethiopia, os escravos fugitivos affluiram nos territorios italianos. A aldeia de Liberti, no Uebi Scebeli e todas as aldeias do Goscia formaram-se por assim dizer de escravos fugitivos das outras regiões somalas, principalmente do Alto e Medio Scebeli. Estes infelizes achavam sob a protecção italiana um novo espirito e uma desusada coragem para a defeza. Reuniam-se em grupos numerosos para luctar contra os antigos patrões que os

procuravam com bandos armados, para cultivar nas margens dos rios as terras maia ferteis.

As numerosas populações deste antigos escravos libertados pela Italia estão quasi todas organizadas em aldeias colonicas, principalmente nos duas regiões de Genale e do Villaggio do Duque dos Abruzzi. Outros grupos estebeleceram-se na zona de Hawai e no baixo Giuba, onde os Uagoscia (collectividade da gente do Goscia) constituem um nucleo typico. Esses se tornaram pequenos proprietarios verdadeiros, que amam as suas terras as quaes sentem-se fortemente ligadas e contrastam com o nomadismo que caracteriza ainda a vida de outras regiões somalas.

Outro tanto aconteceu na Eritréa, para onde affluem ainda hoje, escravos das terras ethiopes do Bircutan e do Udcait. Revelou-se providencial a intervenção das autoridades italianas. Essas dispuzeram que estes escravos escapados a uma existencia bestial sejam concentrados em Ducambia, aldeia do Gasc, ao sul de Barentú, onde com os meios necessarios ao trabalho agricolo, são lhes concedidos campos para o cultivo, com a garantia da mais completa liberdade de trabalho. O grupo de Ducambia, que em 1932 se compunha de cerca sessenta individuos, foi augmentando rapidamente com o affluxo continuo de nova gente que atravessa o Setit para refugiar-se na Eritréa.

Contemporaneamente a Italia conseguiu supprimir completamente nas aguas territoriaes eritréas e nas aguas controlladas do Mar Vermelho, o trafico de escravos, mantido pelos negreiros ethiopes para abastecer os mercados da Arabia. O trafico da carne humana não póde mais apoiar-se nas costas eritréas. A frequencia e a severidade dos postos italianos de Policia e de Alfandega, o pessoal dos pharoes prompto para as signalações, os cruzeiros da Marinha, excluem, toda a possibilidade de contrabando. Muitas vezes as autoridades italianas, intervêm para libertar a sua custa, no proprio territorio ethiope, um escravo qualquer em situação particularmente triste e penosa.

NECESSIDADE VITAL NÃO IMPERIALISMO

Uma expansão em pura perda: a emigração - O augmento da população italiana - «L'inchiesta agraria» de Stefano Jacini - O clima e a agricultura - Uma empreza titanica: a bonificação integral - Em onze annos Mussolini realizou mais do dobro do que os velhos governos em cincoenta annos - A batalha do trigo - O trem de vida dos italianos - Não é ainda bastante.

Não pódem ser estas comquanto relevantissimas as unicas razões que levam a Italia a occupar-se da Africa oriental. Ha um ponto essencial que justifica as suas aspirações e esse é a sua necessidade de expansão. Constituindo a sua unidade já tarde, quando todo o mundo estava sob o dominio de outros teve que se acontentar de terras pobres e ingratas. Por muitos annos, por demasiados annos, seus filhos tiveram que emigrar, empregando o seu trabalho a serviço de outros estados, em outros continentes. Mais de 10 milhões de italianos vivem longe da mãe patria. Era a emigração uma dolorosa necessidade, imposta pelas circumstancias e pelas injustiças da historia. Hoje porem, mesmo essa possibilidade com a qual nunca poderia estar de accordo um estado consciente da propria missão e dos seus deveres para com os seus filhos, vem a faltar. Logo após a guerra mundial, a crise economica e a desoccupação que reinava por toda a parte, fecharam todas as portas.

O Estado italiano que tem agora uma população de 43 milhões de habitantes com um augmento de cerca de 450 mil almas por anno, não póde ignorar um problema formidavel de vida, de existencia. O grande homem de Estado que rege os destinos do povo italiano, Mussolini, examinou ha dez annos em um discurso memoravel, a situação da Italia nos seus multiplos aspectos e indicou as providencias urgentes. Estas foram tomadas com ex-

trema energia, mas ninguem póde ter illusões sobre a efficacia futura. A bonificação integral, a batalha do tigro, emprehendidas com a energia de que só Mussolini é capaz, não podem por muito tempo assegurar a tranquillidade, a paz o trabalho, ao povo italiano.

Bastam poucos e concisos dados para que se possa fazer uma idéa das difficuldades em que se debate o povo italiano e dos esforços empregados pelo Fascismo com calma e objectiva visão da realidade presente e futura.

Julga-se commumente que a Italia seja uma terra privilegiada. É um erro. Quem quizer ter uma demonstração sob todos os pontos miravel, pela riqueza dos dados historicos, geographicos, geologicos, obtenha a famosa « Inchiesta agraria » de Stefano Jacini publicada em 1884. É um livro classico conhecido em todo o mundo, elogiado por todos os economistas de todos os paizes, um modelo de pesquiza escrupulosa ou de objectividade scientifica, que poderá talvez ser egualado, não porem superado. O senador Jacini foi o relator de uma Commissão de doze membros escolhidos entre as maiores competencias no campo da economia agraria. Poucos periodos bastam para o nosso fim.

« A Italia — escreve o senador Jacini — é um paiz de montanhas, como nenhum outro no nosso continente, a não ser a Suissa e as altas montanhas em grande parte nuas, abruptas ou inhabitaveis. Dos 288.538 kilometros quadrados da sua superficie total, quasi dois terços são cobertos pela cadeia dos Alpes e dos Apenninos; desses dois terços pelo menos 56.000 kilometros quadrados, por serem nevosos, ou rochosos apresentam-se refractarios a toda e qualquer producção vegetal; e isto por obra da natureza. Se ao menos fosse productivo o resto desses dois terços! Só ou é em parte e mesquinhamente. Não comporta senão magras pastagens naturaes utilizadas no verão pelos pastores nomades; poucas selvas importantes nos valles mais remotos; estensões um pouco maiores de bosques nas fraldas mais baixas dos montes; quanto ao restante, espaços sem valia e aridos, onde apparecem raras arvores e poca herva.

« Quanto ás collinas e aos planaltos, têm sempre pouca terra sendo abundantissimos os seixos depositados pelo retirar-se das geleiras nas épocas prehistoricas.

A aridez estival do clima italiano não lhes permitte cobrir-se de uma vegetação expontanea que constitue a riqueza natural dos planaltos e das collinas que se estendem ao longo da vertente germanica e a cadeia dos Alpes.

« Falta fallar das planicies. Temos a enorme bacia do Pó e as menores que se estendem ao longo do Tyrrheno nos territorios pisano, grossetano, romano e campano; ao longo do Adriatico no « Tavoliere » das Pulhias; como tambem as marinhas calabreses, sicilianas e sardas. Os « Atti dell'Inchiesta » evidenciaram o facto de que a producção na planicie padana é de facto artificial e que o seu solo devido á abundancia dos depositos de alluvião, nada vale se o compararmos com os terrenos das bacias do Escalda, do Rheno (Fiandras), do Elba (Holstein), do Sena (Normandie), do Danubio (Banato e Rumenia), das « terras negras » da Russia meridional e de uma grande parte da Inglaterra.

« Com relação ao decantado clima italiano, pobre da Italia agricola se tivesse que contar com elle sem recorrer á ajuda do outros meios de producção de que póde dispôr! A aridez estival dominante destroe as forragens e todas as culturas que exigem alimento da humidade. Não constituem as forragens um dos fundamentos de toda a agricultura racional? E não bastaria esta circumstancia para assegurar uma superioridade decisiva, no que diz respeito á agricultura simples, á vertente septentrional dos Alpes onde o sól não é tão forte, mas não falta e as frequentes chuvas estivaes desenvolvem uma luxuriante vegetação?

« Por tudo isso, vê-se que a Italia, como paiz agricola é um dos menos favorecidos pela espontanea liberalidade da natureza. Em relação á superficie ha muito pouca terra cultivavel, e esta mesma tem que luctar contra as sêccas e a malaria ».

Eis a situação real da terra italiana. Apezar de tudo, Mussolini, com a coragem temeraria da fé, não hesitou a enfrentar uma situação deploravel, contra, até, a opinião de peritos, que, espan-

tados, perguntam com que forças desconhecidas contava o Duce da nova Italia.

Eis as provas. Mussolini quiz o saneamento integral, quiz redimir uma parte importante do territorio italiano. Com que resultados?

De 1870 a 1922, as regiões em que o Estado executou obras destinadas ao saneamento da terra attingiram a extensão total de 1.390.981 hectares.

Durante os onze annos seguintes do Regime fascista, esta superficie total subiu a 4.275.611 hectares.

Calculando a cifra das despezas na paridade actual *ouro,* verifica-se que, de 1870 a 1° de Julho de 1933, foram realizadas obras publicas de saneamento hydraulico e de transformação de terras num valor de milhões 5.248,3. Destes 3.527,8 pertencem á éra fascista e 2.082,4 ao ultimo quadriennio, producto da applicação da lei Mussolini, para a bonificação integral.

É um esforço titanico, grandioso, principalmente se pensarmos nas difficuldades de todo genero em que foi desenvolvido.

Em 11 annos apenas, Mussolini emprehendeu colossaes obras de saneamento em terras duas vezes mais vastas do que as que foram trabalhadas ha 50 annos, pelos velhos Governos, com uma despeza duas vezes maior.

Não se diga, pois, que a Italia não faz tudo quanto pode para valorizar o sólo nacional. Deve-se, antes, perguntar se este esforço encontra sempre justas compensações economicas. A sciencia hesita algumas vezes em responder affirmativamente, inclinando-se deante dos altos ideaes da civilização do Duce.

Outrotanto deve dizer-se quanto á batalha do trigo, levada a cabo victoriosamente não obstante o scepticismo dos technicos de fama européa. Mussolini quiz redimir a nação italiana da dependencia estrangeira, restituir ao paiz a sua autonomia agricola, e o conseguiu, dirigindo um appello generoso aos agricultores de toda a Italia. Sem realmente augmentar a superficie destinada ao cultivo do trigo, obteve um rendimento unitario maior, levando

a producção total de uma media de 45 milhões a 70 milhões de quintaes por anno.

Assim a balança commercial, sobre a qual pesava fortemente a importação do trigo estrangeiro foi notavelmente alliviada. Em 1925, quando Mussolini iniciou a batalha do trigo, a Italia importava ainda tres billhões e oitocentos milhões, em trigo. Em 1935 essa cifra foi reduzida a apenas 71 milhões.

Não se pode pedir mais a um paiz naturalmente pobre, onde é tão profunda e espalhada a solidariedade social, como o provam as inumeras obras de assistencia criadas pelo Governo e pelo partido fascista. A ultima destas, foi a lei das 40 horas de trabalho que ainda repartiu o pão entre os trabalhadores italianos, para enfrentar a desoccupação.

Entretanto, este grande povo, que forneceu uma contribuicão imponente á civilização não tem ainda o trem de vida proporcionado aos seus meritos, á funcção que exerce no mundo, em todos os campos da arte, da sciencia e do pensamento. Em Maio de 1927, um physiologo insigne, o Professor Carlo Foá, publicava na revista « Gerarchia » um estudo particularmente interessante sobre a alimentação do povo italiano. Algumas cifras despertavam amargas reflexões. « Cada habitante dos Estados Unidos — escrevia o eminente scientista — dispõe annualmente de alimentos correspondentes a um milhão e oitocentos e sessenta e seis mil e duzentas e cincoenta calorias. Um belga consome 1.432.500; um inglez 1.380.000; um francez 1.358.000; o italiano, apenas... 910.000. Camis, que se dedicou ao estudo do problema alimentar na Italia, observa que não é sómente deficiente o valor energetico medio dos alimentos para os italianos, como tambem é mais grave a deficiencia qualitativa, porque lhe faltam as albuminas de origem animal. Estas constituem 21% da energia alimentar nos Estados Unidos; 19,3% na Inglaterra, 7,9% na França e 3,4% na Italia ».

Quem pode então razoavelmente contestar á Italia os seus direitos a uma legitima expansão? Não se trata de imperialismo, e sim de elementares necessidades vitaes.

O MUNDO DOS OUTROS

Observando o Mappa-mundi - As possessões de antes da guerra: Inglaterra, França, Hollanda, Espanha, Portugal, Allemanha, Belgica, Italia - Os augmentos coloniaes de após-guerra e os mandatos - As acquisições da Inglaterra, da França, da Belgica e do Japão - As amargas desillusões da Italia - O Estado actual, a justiça factor de equilibrio e da paz entre os povos.

Eis aqui um mappa de antes da guerra que mostra as possessões coloniaes dos varios Estados. Comecemos pelas mais antigas colonias européas, as americanas. No novo continente os movimentos de independencia tinham deixado ainda á Europa um patromonio consideravel.

A Inglaterra allí possuia territorios com mais de 10 milhões de kilometros quadrados e 9.500.000 habitantes. A França, uma superficie de 91.000 kilometros quadrados, com cerca de 500.000 habitantes. Emfim a Hollanda 130.000 kilometros quadrados, com cerca de 170.000 habitantes. Observe-se que a pouca extensão de territorio em grande parte insular éra bem compensada pela situação geographica valorizada com a abertura do canal de Panamá.

Diga-se o mesmo da Oceania, onde a apparente pobreza de algumas possessões éra compensada pelo valor naval e estrategico.

Aqui a maior parte dos territorios éra ingleza, mais de 8.000.000 de kilometros quadrados e cerca de 7.000.000 de habitantes.

Seguiam a França, com uma superficie de 21.000 kilometros quadrados e 90.000 habitantes; a Hollanda com 416.000 kilometros quadrados e 300.000 habitantes; a Allemanha com 241.460

kilometros quadrados e 600.000 habitantes; os Estados Unidos com 17.000 kilometros quadrados e 278.000 habitantes.

As possessões mais ricas estavam na Asia.

A Inglaterra controllava a pouco desprezivel superficie de 5.250.000 kilometros quadrados com uma população de 325.000.000 de habitantes.

A França por sua vez tinha uma superficie de 700.000 kilometros quadrados e 17.000 habitantes.

Seguiam a Hollanda com cerca de 1.500.000 kilometros quadrados e 40 milhões de habitantes; e Portugal com os restos da sua antiga força, 23.000 kilometros quadrados e 830.000 habitantes.

A estes dever-se-ia accrescentar os Estados Unidos, em virtude da sua recente posse das Philippinas (240.000 kilometros quadrados com 8.500.000 habitantes e a Allemanha com o arrendamento de Kiao-Ciao 552 kilometros quadrados e 196.000 habitantes).

Um continente que cahiu quasi que por inteiro sob o dominio europeu nos ultimos cincoenta annos é a Africa.

Alli nas vesperas da grande guerra a Grã Bretanha tinha mais de 5.500.000 kilometros quadrados e 37.000.000 de habitantes.

A França superava-a pela extensão das suas possessões com mai de 10.500.000 kilometros quadrados e 29.000.000 de habitantes.

A Hespanha possuia 341.000 kilometros quadrados com 632.000 habitantes.

O Portugal dominava cerca de 2.000.000 de kilometros quadrados com 8.500.000 habitantes.

Chegados por ultimo, a Allemanha com 2.682.150 kilometros quadrados e 11 milhões e 500.000 habitantes e a Belgica com 2.365.000 kilometros quadrados e 15.000.000 de habitantes.

Em resumo limitamdo-nos ás potencias europeas, a Inglaterra possuia (excluidos o Egypto e o Sudão, occupados de facto mas numa posição juridica sempre incerta) um territorio 90 vezes mais vasto do que a metropole, a Belgica 80 vezes, a Hollanda 62, o

Portugal 22, a França 20, a Allemanha 5. Em comparação a essas a Italia com as suas possessões da Lybia, Eritréa, e Somalia e a concessão de Tien-Tsin segundo as estatisticas internacionaes, não possuia senão 1.633.000 kilometros quadrados de territorio com menos de 2.000.000 de habitantes. Os seus territorios coloniaes eram pois pouco mais que cinco vezes o seu territorio, e tinham um limitado valor economico e uma escassa importancia estrategica.

Eis, agora, um mappa de após guerra. Os coloridos diminuiram sensivelmente e uniformizaram-se. As côres que no velho Atlante assignalavam as possessões europeas augmentaram enormemente. Desappareceram as côres allemãs e não poucas das que assignalava a autonomia de vastas regiões.

As côres britannicas predominam sobre todas as outras, porque a Inglaterra ganhou mais do que todos: na Asia o Urak, a Palestina, a Transgiordania sob forma de mandato, com uma superficie de 500.000 kilometros quadrados e uma população de 4 milhões de habitantes; na Africa uma parte do Togo e do Cameron, assim como toda a Africa Occidental e grande parte da Africa Oriental allemã, estas tambem sob forma de mandato com uma superficie de 1.875.000 kilometros quadrados e 5.718.000 habitantes; na Oceania sob mandato a Terra de Guilherme, o Archipelago de Bismark, a ilha de Bougainville, as Salomão, as Samôa allemãs e como possessão a ilha de Nauru; ao todo 238.984 kilometros quadrados de superficie e quasi meio milhão de habitantes.

A França por sua vez obteve na Africa os mandatos sobre uma parte do Togo e do Cameron, como tambem a plena posse do famoso « bec de canard » por ella cedido á Allemanha no Congo em 1911, com uma superficie total de 752.200 kilometros quadrados e 2.452.800 habitantes; na Asia o mandato sobre a Syria com uma superficie de cerca 200.000 kilometros quadrados e 2.800.000 habitantes.

A Belgica tambem teve sob forma de mandato uma parte da Africa Oriental allemã, isto é, os sultanados de Ruanda e

Urundi; 54.000 kilometros quadrados e 4.000.000 de habitantes.

O Japão por fim obteve o mandato sobre Mariane, as Carolinas, Palau, e Marschall: 2.476 kilometros quadrados com pouco menos de 100.000 habitantes.

Deste modo a desproporção entre os imperios coloniaes apresenta-se enormemente augmentada em prejudizo da Italia, porque em relação aos novos 2.614.934 kilometros quadrados e 10.218.000 habitantes da Inglaterra e aos 966.722 kilometros quadrados com mais de 7.000.000 de habitantes da França, a Italia só depois de muitos annos poude occupar os 90.000 kilometros quadrados do Oltregiuba com 100.000 habitantes e obter a rectificação das fronteiras meridionaes da Lybia.

No estado actual, as possessões da Inglaterra constam de 31.364.934 kilometros quadrados com 388.718.000 habitantes; os da França 12.278.722 kilometros quadrados com 53.590.000 habitantes; os da Belgica 2.419.000 kilometros quadrados com 19 milhões de habitantes; os da Italia 1.920.000 kilometros quadrados com 2.200.000 habitantes.

Os que tentam oppor-se á expansão do povo italiano traem a propria causa da paz e do equilibrio europeu. Não póde haver paz, nenhum equilibrio é possivel se não houver justiça. As penetrações economicas, as concessões as zonas de influencia de que tanto se falla, são os expedientes que não resolvem os problemas de um povo. Nenhuma obra é duradoura e segura se não fôr prestigiada e protegida pela bandeira nacional.

A Italia de Mussolini não tolerará nunca as imposições que mortificaram a antiga Italia, ainda não elevada á consciencia da propria historia. Os seicentos mil mortos da grande guerra e os mortos da Revolução fascista, autorizam-n-a a ser o unico juiz dos seus direitos e dos seus deveres.

INDICE

A Abyssinia e a Sociedade das Nações 5

Cincoenta leprosos em liberdade 11

O deserto no deserto 17

Dois milhões de escravos 27

Como são tratados os escravos 35

A xenophobia contra a civilização 41

As colonias italianas ameaçadas 47

Um seculo de martyrio e de explorações italianas na Ethiopia . . . 55

Necessidade vital, não imperialismo 61

O mundo dos outros 67

128/4
HIST.

ACABADO DE IMPRIMIR
EM AGOSTO DE 1935-XIII

6 $ 000